

A MEGERA DOMADA

WILLIAM SHAKESPEARE

PERSONAGENS

SLY
GRÊMIO
HOSPEDEIRA
CATARINA
LORDE
HORTÊNSIO
PRIMEIRO CAÇADOR
BIANCA
SEGUNDO CAÇADOR
BIONDELLO
NOBRE
PETRÚQUIO
CRIADO
GRÚMIO
ATORES
CURTIS
2º COMEDIANTE
NATANIEL
1º COMEDIANTE
FILIPE
PRIMEIRO CRIADO
JOSÉ
SEGUNDO CRIADO
NICOLAU
TERCEIRO CRIADO
PEDRO
PAJEM
PROFESSOR
LUCÊNCIO
ALFAIATE
TRÂNIO
VINCÊNCIO
BATISTA
VIÚVA

PRÓLOGO

CENA 1

(À PORTA DE UMA CERVEJARIA, NUM PRADO)

SLY

- Vou te arrancar a pele, eu juro?

HOSPEDEIRA

- Um bom par de algemas, seu canalha!

SLY

- Canalha é você? Os Slys não são canalhas. Leia nas crônicas. Viemos com Ricardo, o conquistador. Portanto, *paucas palabris*. Deixa o mundo girar. Estanca!

HOSPEDEIRA

- Paga ou não paga os copos que quebrou?

SLY

- Nem um vintém. Por São Jerônimo, vai! Vai pra tua cama fria; vai te esquentar.

HOSPEDEIRA

- Já sei o teu remédio: vou chamar o sentinela.

SLY

- Sentinela e senta nela? Eu lhe respondo é com a lei. Não cedo um palmo. Que ele venha devagar. (DEITA-SE NO CHÃO E DORME. SOAM TROMPAS. ENTRA UM **LORDE**, VINDO DA CAÇA, ACOMPANHADO DE CAÇADORES E **CRIADOS**.)

LORDE

- Caçador, eu te recomendo, trata bem de meus cães. O pobre Meniman até espuma, de tão cansado. Bota o Clowder para cobrir a cadela de latido rouco. Você viu, meu rapaz, a esperteza de Silver, na saída do bosque, quando todos os outros cães já estavam perdidos? Eu não venderia esse cão nem por vinte libras.

1º CAC.

- Ora, senhor, Bellman é tão bom quanto ele: ladra ao menor desvio de caminho e hoje, duas vezes seguidas, conseguiu reencontrar um cheiro quase extinto. Confie em mim: é o melhor de todos os seus cachorros.

LORDE

- Você está louco. Bastaria que Eco fosse tão rápido quanto ele e valeria vinte vezes mais. Mas alimenta-o bem, cuida igual de todos. Amanhã vamos caçar de novo.

1º CAC.

- Fique tranqüilo, meu senhor.

LORDE (DESCOBRINDO SLY)

- Que é isso? Um morto ou um bêbado? Vê se respira.

2º CAC.

- Respira, meu senhor. Se não estivesse tão quente de cerveja isto seria uma cama demasiado fria para cair em sono tão profundo.

NOBRE

- Oh, animal monstruoso! Dorme como um porco! Morte sombria, que fétida e nojenta é tua imagem! Senhores, quero fazer uma experiência com este bêbado! Que acham de o colocar-mos numa cama, cobrindo-o com lençóis preciosos, pondo-lhe anéis nos dedos e, junto à cama, o mais delicioso dos banquetes com criados atentos ao seu despertar? O mendigo não esqueceria logo a sua condição?

1º CAC.

- Claro, senhor, não teria outra escolha.

2º CAC.

- Ficaria assombrado ao despertar.

LORDE

- Como num sonho ou fabulosa fantasia. Levem-no então, preparem bem a brincadeira. Coloquem-no, gentilmente, no meu quarto melhor, e enfeitem as paredes com meus quadros mais belos; lavem-lhe a cabeça imunda em água quente e perfumada e queimem madeiras aromáticas para envolver de doçura o aposento. Tenham a musica preparada para que, acordando, ouça sons delicados e celestes. E se por acaso conseguir falar, estejam prontos com mesuras e reverências submissas... “Que ordena Vossa Honra?” Um lhe apresentará a bacia de prata cheia de água-de-rosas salpicada de flores; outro trará o jarro; e o terceiro, a toalha, dizendo: “A Vossa Honra não lhe agradaria agora refrescar as mãos?” Que alguém tenha pronto um soberbo costume e lhe pergunte então que roupa ele prefere. Outro deve falar de seus cães e cavalos e que sua mulher está inconsolável por tê-lo tão doente. Convençam-no de que esteve louco e, quando ele insistir que se chama Sly, digam que sonha, pois é realmente um poderoso lorde. Façam isso, mas com habilidade, amáveis senhores. Se agirem em tudo com prudência será passar um belo passatempo.

1º CAC.

- *Senhor*, eu lhe garanto: vamos representar tão bem nosso papel que por força de nossa habilidade, ele não poderá pensar ser menos do que aquilo que afirmamos que ele é.

LORDE

- Peguem-no pois com cuidado e ao leito com ele! Cada qual no seu posto, quando ele acordar! (**SLY SAI CARREGADO PELOS CAÇADORES. SOAM TROMPAS.**) Menino, vai ver que trompa é essa que ressoa. (**SAI O CRIADO**) Talvez algum fidalgo amigo que pretenda, em meio a uma viagem um tanto longa, pedir repouso aqui. (**ENTRA CRIADO**) Então? Quem é?

CRIADO

- Com permissão de V. Senhoria, comediantes que vêm oferecer serviço.

LORDE

- Diga-lhes que se aproximem. (**ENTRAM OS ATORES**) Então, camaradas? São bem-vindos.

ATORES

- Agradecemos a V. Senhoria.

LORDE

- Pretendem passar a noite aqui?

2º COM.

- Se for do agrado de V. Senhoria aceitar nossos préstimos.

LORDE

- De todo coração. Conheço este nosso companheiro. Vi-o uma vez representando o filho mais velho de um senhor do campo. Cortejava habilmente uma donzela nobre. Esqueci o seu nome; mas esteja certo de que representou essa parte com grande aptidão e perfeita naturalidade.

1º COM.

- Acho que é ao papel de Soto que V. Senhoria se refere.

LORDE

- Esse mesmo! E você o fez magnífico. Bem, chegam mesmo em boa hora, pois estou preparando uma diversão na qual a perícia de vocês pode me ajudar muito. Está comigo um nobre que esta noite assistirá à representação. Porém, duvido que se controlem quando ele começar a agir de modo estranho — pois Sua Senhoria jamais assistiu a uma peça. Receio que tenham um acesso qualquer de hilaridade e o ofendam com isso: aviso-os, pois, senhores; basta um sorriso para deixá-lo irritado.

1º COM.

- Nada tema, senhor; saberemos conter-nos, seja ele a criatura mais ridícula do mundo.

LORDE

- Vai, garoto, mostra-lhes a despensa e dá boa acolhida a todos e a cada um. Que não lhes falte nada do que há em minha casa. (**SAI CRIADO COM OS ATORES. A OUTRO CRIADO**) Menino, procura meu pajem Bartolomeu e diz-lhe que se vista inteiramente de mulher. Isso feito, leva-o ao aposento do bêbado, sempre chamando-o de senhora e obedecendo-o como tal. Diga que, se quiser manter a minha estima, deve se comportar com atitude nobre e recatada como uma grande dama em frente ao esposo. Assim ele fará diante do bêbado, falando com voz doce e humilde cortesia, dizendo: “Que deseja Vossa Honra, e que ordena, a fim de que esta simples dama e dedicada esposa, possa mostrar seu afeto, testemunhar o seu amor?” E então, com abraços cheios de ternura e beijos tentadores deve inclinar a cabeça sobre o peito dele, inundando-o de lágrimas de alegria. Como se estivesse transbordando de felicidade por ver seu nobre senhor recobrar a razão depois de viver em delírio duas vezes sete anos, julgando ser apenas um pobre e desprezível vagabundo. E se o rapaz não tem o dom tão feminino de derramar lágrimas à vontade, uma cebola servirá ao mesmo fim. Deve ocultá-la num lenço, o qual, levado aos olhos, provocará que chore lágrimas sentidas. Faça com que isso se realize o mais depressa possível. Depois darei mais instruções. (**SAI O CRIADO**) Tenho certeza de que o rapaz usurpará a graça, a voz, o jeito e os meneios de uma dama. Só quero vê-lo chamando o bêbado de esposo e meus criados contendo-se de rir enquanto prestam homenagens a esse simples campônio. Tenho que prepará-los. Com minha presença espero conter-lhes o ânimo brincalhão que, outro modo, poderia chegar a não sei que extremo. (**SAI**)

CENA II

(UM QUARTO DE DORMIR NA CASA DO LORDE. ENTRA SLY, VESTIDO COM UMA ES-

PLÊNDA CAMISA DE DORMIR, ACOMPANHADO DE VÁRIOS SERVIDORES. MOSTRAM BELAS PEÇAS DE VESTUÁRIO, UMA BACIA; UM JARRO, E DIVERSOS OBJETOS DE TOCADOR. ENTRA O LORDE, VESTIDO DE CRIADO.)

SLY

- Pelo amor de Deus, uma caneca de cerveja.

1º CRIADO

- Não agradará a V. Senhoria uma taça de xerez?

2º CRIADO

- Não quererá V. Honra provar destas conservas?

3º CRIADO

- Que traje V. Honra pretende vestir hoje?

SLY

- Eu sou Cristovão Sly! Não me chamem de honra nem de senhoria. Nunca bebi xerez em toda minha vida. E se querem me oferecer conservas, que sejam de carne de vaca. Também não venham perguntar que roupa quero usar pois não tenho mais roupas do que corpo, mais meias do que pernas, nem mais sapatos do que pés, isto é, às vezes tenho mais pés do que sapatos, que é quando meus dedos ficam olhando pelos buracos do couro.

LORDE

- Oh, que o céu faça cessar esse delírio de V. Senhoria! Oh, que um homem de poder e nascimento, tão rico em possessões e alta estima, esteja dominado por tão baixo espírito.

SLY

- Querem dizer então que estou maluco? Que eu não sou Cristovão Sly, filho do velho Burton-Heath, mascate por parte de pai, fabricante de cartas por educação, domador de ursos por imitação e tendo a de funileiro como minha atual profissão? Perguntem a Mariana Hacket, a cervejeira gorda lá de Wincot, se ela não me conhece. Se ela não disser que só de cerveja eu lhe devo quatorze pences, então eu quero ser o mais mentiroso de todos os canalhas desta cristandade. Qual, eu estou delirando? Olha aqui...

1º CRIADO

- Isso é o que deixa triste sua esposa.

2º CRIADO

- Isso é o que faz desolar seus servidores.

LORDE

- É por isso, senhor, que seus parentes evitam esta mansão, assustados por seus estranhos desvarios. Ó nobre amo, relembra onde nasceste, faz voltar do desterro os velhos pensamentos e expulsa daqui os pensamentos vis, os sentimentos baixos. Olha como te atendem teus criados, cada um no seu posto, atentos ao menor gesto teu. Queres música? Pois ouve; Apolo toca (MÚSICA) - e logo, nas gaiolas, dez rouxinóis o acompanham. Ou preferes dormir? Dar-te-e-mos um leito mais amplo e mais macio do que a cama sensual preparada em intenção de Semíramis. Diz que desejais apenas passear; encheremos de flores os caminhos. Preferes cavalgar? Teus cavalos serão logo encilhados com arreios de ouro e pedrarias. Amas a caça? Terás falcões que voarão mais alto e mais distante do que a cotovia matinal. Mas se queres caçar doutra maneira teus cães obrigarão o azul a responder-lhes - e arrancarão ecos frementes do oco das montanhas.

1º CRIADO

- Diz que te agradam as corridas e terás perdigueiros mais rápidos do que o cervo, ah, mais velozes do que os antílopes de fôlego.

2º CRIADO

- Gostas de quadros? Traremos imediatamente Adônis pintado às margens de um regato e uma Citéria oculta por juncos que parecem mexer e farfalhar se ela respira.

LORDE

- Te mostraremos o quando virgem e como foi pegada e seduzida. Pintando com a mesma paixão com que o fato foi feito.

3º CRIADO

- Ou Dáfne correndo entre espinheiros, ferindo as pernas, que se juraria sangrarem e que, olhando isso, o triste Apolo chora: tal o primor com que foram pintados o sangue e as lágrimas.

LORDE

- Tu és um nobre e nada mais que um nobre. E tens iria esposa mais bela do que qualquer outra mulher na idade do declínio.

1º CRIADO

- Antes que as lágrimas que por ti derramou corressem invejosas, sulcando-lhe a face encantadora, era a mais bela criatura deste mundo e ainda assim não é inferior a qualquer outra.

SLY

- Então sou um fidalgo? E tenho tal esposa? Ou estou sonhando? Ou será que sonhei até agora? Dormindo eu não estou: vejo, ouço, falo. Só respiro perfumes! E toco em coisas brandas. Por minha vida! Sou realmente um nobre, e não um funileiro, um Cristovão Sly. Pois bem: tragam aqui minha mulher e, outra vez, uma caneca da melhor cerveja.

2º CRIADO

- V. Alteza gostaria de lavar as mãos? (OS CRIADOS APRESENTAM A BACIA, TOALHA, ETC.) Oh, como ficamos alegres em velo com o juízo restabelecido! Que agora, para sempre, seja apenas quem é. Esses quinze anos viveu sempre um sonho e mesmo se acordava, ainda assim dormia.

SLY

- Esses quinze anos! É o que eu chamo um cochilo. E não falei durante todo o tempo?

1º CRIADO

- Oh, sim, meu senhor, mas palavras sem nexos, pois embora estivesse deitado nesta câmara, reclamava sempre que o punham na rua a pontapés: e lançava os piores insultos contra a dona da casa ameaçando levá-la aos tribunais porque ela o servia em canecos de barro e não em cântaros lacrados; algumas vezes gritava chamando Cecília Hacket.

SLY

- Ah, é a criada da Cervejaria.

3º CRIADO

- Ora, o senhor não conhece tal criada, nem tal cervejaria. Nem nenhum desses nomes que chamava, como Estevão Sly, o grego João Dorminhoco, Pedro Turf e Henrique Pimpernell. E mais duas dezenas de nomes e homens semelhantes que nunca ninguém viu, nem existiram.

SLY

- Que Deus então seja louvado pela minha recuperação.

TODOS

- Amém.

SLY

- Agradeço a todos. Saberei recompensá-los. (ENTRA O PAJEM VESTIDO DE MULHER, ACOMPANHADO DE OUTROS SERVIDORES.)

PAJEM

- Como se sente o meu nobre senhor?

SLY

- Muito bem, estou muito bem; isto aqui é bastante divertido. Onde está minha esposa?

PAJEM

- Aqui, nobre senhor. Que desejas com ela?

SLY

- Então és minha esposa e não me chamas de esposo? Sou senhor para os criados; para ti, um companheiro.

PAJEM

- Meu esposo e meu senhor, meu senhor e marido. Sou tua mulher obediente em tudo.

SLY

- Eu bem sei. Como devo chamá-la?

LORDE

- Madame.

SLY

- Madame Juana ou madame Alice?

LORDE

- Madame e nada mais; é assim que os nobres chamam as esposas.

SLY

- Madame esposa, afirmam que eu dormi e delirei por mais de quinze anos.

PAJEM

- Oh, e a mim pareceram trinta, vivendo tanto tempo longe do teu leito!

SLY

- É muito, é muito, Criados; deixem-nos sós. Madame, dispa-se e venha para a cama.

PAJEM

- Senhor três vezes nobre, eu te suplico desculpar-me ainda por uma noite ou duas ou, pelo menos, até que o sol se ponha. Os nossos médicos recomendaram isso expressamente, pois há perigo de uma recaída e é aconselhável que eu me conserve ausente do teu leito. Espero que essa razão me justifique.

SLY

- Ai, que é quase impossível me conter por mais tempo. Mas eu estaria perdido se caísse em delírio novamente. Assim, me conterei e que se contenham a carne e o sangue. (ENTRA UM MENSAGEIRO)

CRiado

- Os comediantes de V. Senhoria, ouvindo falar de sua cura, vieram representar uma agradável comédia. Acham os médicos que isso lhe convém, pois observaram que o excesso da tristeza deixou seu sangue congelado. A melancolia é a mãe dos desvarios. Assim, acham bom que assista a um espetáculo. Pois quando a alegria e a animação nos envolvem o espírito, afastam muitos males e prolongam a vida.

SLY

- Está bem, eu assisto. Que representem. Não é uma dança de Natal, nem truques de saltimbancos?

PAJEM

- Não, meu bom Senhor; o miolo é melhor.

SLY

- É miolo de pão?

PAJEM

- O miolo da história.

SLY

- Pois bem, vejamos. Vem, madame esposa, senta aqui a meu lado e deixa o mundo girar. Jamais seremos tão jovens.

(FANFARRAS)

PRIMEIRO ATO

CENA 1

(PÁDUA. UMA PRAÇA PÚBLICA. ENTRAM LUCÊNCIO E TRÂNIO.)

LUCÊNCIO

- Trânio, foi o enorme desejo de conhecer a bela Pádua, mãe das artes, que me trouxe à gentil Lombardia, o agradável jardim da grande Itália. Chego armado da boa vontade, da licença e do amor do meu pai, e de tua bela companhia, meu criado fiel, tantas vezes provado. Respiramos um pouco, pois logo iniciaremos um curso de sabedoria e elevados estudos. Pisa, famosa por seus graves cidadãos, foi onde nasci e onde nasceu meu pai Vincêncio, pertencente a família Bentivolli e mercador conhecido em todo mundo. Lucêncio, filho dele, educado em Florença, pretende realizar

as esperanças do pai adornando-lhe a fortuna com ações virtuosas. E assim, Trânio, enquanto eu estudar virtude, e procurarei me aplicar a essa parte da filosofia segundo a qual a felicidade está na virtude. Diz tua opinião; pois deixei Pisa e vim morar em Pádua como quem sai de uma poça d'água e cai no mar profundo.

TRÂNIO

- Mi perdonato, meu gentil senhor, pois concordo nisso tudo, contente de que persista no intento de aspirar as doçuras da doce filosofia. Apenas, meu bom amo, por mais que admiremos essa virtude, essa disciplina moral, rogo-lhe que não nos tornemos estoicos ou insensíveis. Nem tão devotos da ética de Aristóteles a ponto de achar Ovídio desprezível. Apoie a lógica nos seus conhecimentos do mundo e pratique a retórica na conversa usual; inspire-se na música e na poesia e não torne da matemática mais do que o estômago pode suportar; o que não dá prazer não dá proveito. Em resumo, senhor, estude apenas o que lhe agradar.

LUCÊNCIO

- Agradecido, Trânio, aconselhas bem. Ah, se Biondello já tivesse chegado poderíamos estar prontos sem demora. Arranjar uma casa onde ficarmos, local digno de receber os amigos que a permanência em Pádua há de trazer-nos. Mas, espera um pouco; quem será essa gente?

TRÂNIO

- Na certa uma delegação para nos receber. (ENTRA BATISTA COM AS DUAS FILHAS, CATARINA E BIANCA; GRÊMIO, UM PANTALÃO; HORTÊNSIO, PRETENDENTE A BIANCA. LUCÊNCIO E TRÂNIO PÕEM-SE DE LADO.)

BATISTA

- Cavalheiros, não me aborçam mais, pois sabem como é firme o meu propósito: isto é, não ceder minha filha mais jovem enquanto a mais velha não tiver marido. Se um dos dois gosta de Catarina, porque eu os conheço e os estimo, concedo a permissão de cortejá-la.

GRÊMIO

- Ou esquitejá-la? É grosseira demais para meu gosto; não é você, Hortênsio, quem procura esposa?

CATARINA (A BATISTA)

- Eu pergunto, senhor, é seu intuito transformar-me em brinquedo desses pretendentes?

HORTÊNSIO

- Pretendentes, mocinha! A pretensão é sua! Não haverá pretendentes enquanto não se torne mais suave e gentil.

CATARINA

- Lhe garanto, *senhor*, não precisa ter medo pois não está nem a meio caminho do meu coração. Mas se estivesse, meu cuidado maior seria pentear-lhe a juba com um tripé, pintar a sua cara de outra cor e usá-lo como aquilo que é: um imbecil.

HORTÊNSIO

- De um diabo desses, Deus me livre.

GRÊMIO

- E a mim também, meu Deus

TRÂNIO (À PARTE, PARA LUCÊNCIO)

- Temos aí, patrão, um belo passatempo; a pequena ou é louca varrida ou a mais assombrosa insolência que já vi na vida.

LUCÊNCIO (À PARTE, PARA TRÂNIO)

- No silêncio da outra vejo porém o comportamento gentil de uma donzela cheia de recato. Silêncio, Trânio!

TRÂNIO (À PARTE, PARA LUCÊNCIO)

- Muito bem dito, senhor. Hum! É de encher a vista.

BATISTA

- Cavalheiros, para mostrar que pretendo cumprir bem depressa... Bianca, para dentro. E não fique aborrecida com a minha decisão. Pois continuo a te amar mais do que nunca, minha filha.

CATARINA

- Que linda bonequinha! E tão mimada! É só enfiar-lhe um de do no olho e deixará de ser tão delicada.

BIANCA

- Alegre-se, irmã, com minha tristeza. Senhor, para lhe agradecer me curvo humildemente. Meus livros e instrumentos serão minha companhia; neles aprenderei e tocarei, sozinha.

LUCÊNCIO (A TRÂNIO)

- Presta atenção, Trânio! É Minerva quem fala.

HORTÊNSIO

- Signior Batista, por que comportamento tão estranho? Lamento que nossas boas intenções causem a Bianca esse aborrecimento.

GRÊMIO

- Pretende enjaulá-la, Signior Batista, fazendo-a pagar pela língua desse demônio infernal?

BATISTA

- Conformem-se, senhores: estou resolvido - entra Bianca! (SAI BIANCA) E como eu sei que seus maiores prazeres são, a música e a poesia contratarei professores capazes para instruir sua juventude. Se tu, Hortênsio - ou o Signior Grêmio - conheces algum em condições, manda-o aqui. Sou sempre amigo dos homens de cultura e nada poupo para que minhas filhas recebam boa educação. E com isso, adeus. Você pode ficar Catarina. Tenho que conversar com sua irmã.

(SAI)

CATARINA

- Ué, e por que não vou embora também eu? Por que? Como se alguém pudesse me dizer o que devo fazer. Como se eu não soubesse o que devo pegar e o que devo largar. Oras (SAI)

GRÊMIO

- Vai para junto de tua parceira, a mulher do diabo: tuas qualidades são tão grandes que ninguém te quer. Nosso amor não é tão extraordinário, Hortênsio, que não possamos deixá-lo certo tempo em jejum; nosso bolo solou ambos os lados. Adeus; contudo, pelo amor que dedico a minha doce Bianca, se eu encontrar por aí um erudito capaz de ensinar-lhe aquilo que aprecia, o enviarei ao pai.

HORTÊNSIO

- Eu também, Signior Grêmio; porém lhe peço uma palavra a mais. Embora a natureza da nossa rivalidade não nos tenha permitido qualquer entendimento, é fundamental (caso ainda venhamos a ter acesso a nossa bela amada e continuemos rivais no amor de Bianca) que trabalhemos juntos numa coisa.

GRÊMIO

- Que coisa, por favor?

HORTÊNSIO

- Ora, senhor, arranjar um marido para a irmã mais velha.

GRÊMIO

- Um marido! Um demônio!

HORTÊNSIO

- Um marido, eu digo.

GRÊMIO

- Um demônio, eu repito. Pensas tu, caro Hortênsio, que apesar da fortuna do pai dela, existe alguém tão louco que pretenda casar com o próprio inferno?

HORTÊNSIO

- Ah, Grêmio, muito embora exceda a tua paciência - e a minha - suportar sua fúria e gritaria, podes crer que há no mundo bons rapazes (o problema é apenas encontrá-los) que a aceitarão com todos seus defeitos... e bom dinheiro.

GRÊMIO

- Não sei! por mim, aceitaria o dote, mas em vez de suportá-la preferia ser açoitado todo dia em praça pública.

HORTÊNSIO

- Vai lá, realmente, não há o que escolher num saco de batatas podres. Mas, entenda: um vez que a

exigência do pai nos faz amigos, é indispensável mantermos essa amizade até que, encontrando marido para a filha mais velha de Batista, deixamos livre a mais nova e voltamos a ser rivais no seu amor. Doce Bianca! Feliz o homem a quem for destinada! Que o mais ágil de nós alcance o anel. Sua resposta, Signior Grêmio?

GRÊMIO

- Concordo em tudo; e ofereço a esse desconhecido o melhor cavalo de Pádua para que a namore, a seduza, se case, durma com ela, mas livre a casa dela! Vamos. (SAEM GRÊMIO E HORTÊNSIO)

TRÂNIO

- Eu lhe peço, senhor, que me esclareça - é possível o amor dominar um homem de repente?

LUCÊNCIO

- Oh, Trânio, antes de eu mesmo o sentir nunca pensei que isso fosse provável, nem possível. Mas veja, enquanto eu olhava, curioso, percebi que era amor a própria curiosidade. E agora te confesso francamente, a ti, meu confidente, tão íntimo e querido quanto Ana para a rainha de Cartago, eu te confesso, Trânio, que queimo, desfaleço, eu morro, Trânio se não tiver o amor dessa donzela. Aconselha-me, Trânio, pois sei que tu o sabes. Me ampara, Trânio, pois sei que tu o podes.

TRÂNIO

- Não há mais tempo, senhor, de censurá-lo; pois não se arranca uma paixão com recriminações. Se o amor o dominou, agora só nos resta *redime te captum, quam queas minimo*. Salvá-lo da prisão ao menor preço.

LUCÊNCIO

- Obrigado, rapaz; vamos embora. Isso me basta, O resto se arranjará naturalmente, pois teu conselho é sábio.

TRÂNIO

- Senhor, olhaste a moça tão intensamente que talvez te escapasse o principal.

LUCÊNCIO

- Oh, sim, vi a estranha beleza de seu rosto, igual a da filha de Agenor, que fez o onipotente Júpiter curvar-se humildemente diante dela, beijando o riacho de Creta com os joelhos.

TRÂNIO

- Não viu mais nada? Não percebeu que a irmã começou a invectivar, erguendo tamanha tempestade, que o ouvido mortal nem podia suportar o estrondo?

LUCÊNCIO

- Trânio, vi apenas a outra movendo os lábios de coral e perfumando o ar com seu alento. Sagrado e doce é tudo que vi nela.

TRÂNIO

- Ei, aí, acho que é hora de tirá-lo desse transe. Acorda, senhor, eu te suplico; se ama essa menina deve juntar pensamento e ação para consegui-la. Estamos neste pé: a irmã mais velha é tão ruim e infernal que enquanto o pai não se vir livre dela, senhor, tua amada deve permanecer em casa. Por isso o pai fechou-a a sete chaves para que os pretendentes não possam importuná-la.

LUCÊNCIO

- Ah, Trânio, é um pai muito cruel! Mas não o ouviu dizer que deseja professores para a filha?

TRÂNIO

- Oh, sim, ouvi, senhor. E já formei meu plano.

LUCÊNCIO

- E eu também rapaz.

TRÂNIO

- Aposto, patrão, que os nossos dois projetos são um só.

LUCÊNCIO

- Conta primeiro o teu.

TRÂNIO

- Serás professor e cuidarás da educação da jovem – não é esse teu plano?

LUCÊNCIO

- Exato. Pode ser feito?

TRÂNIO

- Impossível. Pois quem faria o teu papel e seria, aqui em Pádua, o filho de Vincêncio? Quem manteria a casa, cuidaria de teus livros; quem estaria lá para receber os conterrâneos, visitá-los e banquetear-los?

LUCÊNCIO

- Pára. Fica tranqüilo; meu plano está completo. Ninguém ainda nos viu aqui e ninguém poderá distinguir em nossos rostos quem é servo ou senhor. Assim faremos; tu serás o senhor, Trânio, e, no meu posto, terás casa, comida e criados, como eu próprio teria. Eu serei outro homem; um fiorentino, algum napolitano, um pobre-diabo qualquer vindo de Pisa. Assim foi decidido — assim será. Tira logo essa roupa, pega meu chapéu colorido e minha capa: quando Biondello chegar, deve servir-te; porém é necessário preveni-lo para que saiba refrear a língua. (TROCAM DE ROUPA)

TRÂNIO

- É bom que o faça. Em resumo, senhor, se é do seu gosto eu obedecerei em tudo, pois, quando partimos, disse o senhor seu pai: “Serve em tudo a meu filho”. Embora tenha eu a impressão de que falava noutro sentido, me agrada representar Lucêncio pelo grande amor que a Lucêncio tenho...

LUCÊNCIO

- Seja Lucêncio, Trânio, pelo amor de Lucêncio e permita que eu vire um pobre escravo para conquistar essa mulher cuja repentina visão deixou o meu olhar ferido. Aí vem o canalha. (ENTRA BIONDELLO) Onde é que esteve, tratante?

BIONDELLO

- Onde é que eu estive? Mas ora, ora veja! Onde é que estamos? Meu amo, será que Trânio roubou as suas roupas? Ou o senhor as dele? Ou ambos se roubaram? Que se passou, me contem?

LUCÊNCIO

- Escuta aqui, rapaz; não há tempo para brincadeiras. Deves te adaptar as circunstâncias. Aqui teu companheiro Trânio tomou meu nome e minhas posses para salvar-me a vida, enquanto eu, para escapar, tomei o que era dele. Matei um homem numa briga mal saltei em terra; receio que me descubram. Ordeno-te, portanto, que o sirvas como convém, enquanto fujo daqui para salvar a pele: compreendeste?

BIONDELLO

- Eu, senhor? Nem uma palavra.

LUCÊNCIO

- E nem sombra de Trânio em tua boca: Trânio transformou-se em Lucêncio.

BIONDELLO

- Melhor para ele. Isso queria eu.

TRÂNIO

- Por minha fé, rapaz, eu também queria, mas quando Lucêncio tiver nos braços a filha mais nova de *Batista*. Porém, cretino, não por mim, mas por teu amo, aconselho que sejas discreto quando falares comigo, estejamos onde for. Quando estivermos sós, bem, eu sou Trânio, mas em qualquer lugar público, o teu patrão, Lucêncio.

LUCÊNCIO

- Agora vamos, Trânio: só falta ainda uma coisa, a ser feita por tu - deves te apresentar também como um dos pretendentes e se me perguntas por que, bem, basta saber que minhas razões são boas e de peso. (SAEM. FALAM AS PERSONAGENS QUE ASSISTEM A REPRESENTAÇÃO.)

1º CRIADO

- Mas, senhor, cabeceias de sono; não prestas atenção ao que se representa.

SLY

- Presto, como não, por Sant’Ana! Uma história excelente, não há. dúvida; ainda tem mais?

PAJEM

- Senhor, apenas começou.

SLY

- É um trabalho muito magnífico, madame esposa. Quero ver logo o fim! (SENTAM-SE E ASSISTEM)

CENA II

(MESMO LOCAL. DIANTE DA CASA DE HORTÊNSIO. ENTRAM PETRÚQUIO E GRÚMIO.)

PETRÚQUIO

- Verona, te abandonei por algum tempo para rever os amigos de Pádua: especialmente o mais amado e mais fiel de todos, Hortênsio. Sua casa é esta aqui, se não me engano. Anda, Grúmio, bate, rapaz! Estou mandando, bate.

GRÚMIO

- Bater, senhor? Bater em quem? Alguém ofendeu V. Senhoria?

PETRÚQUIO

- Ah, vilão, faz o que eu digo, e bate-me aqui com toda força.

GRÚMIO

- Bater-lhe aqui, senhor? Por que, senhor, mas quem sou eu para bater-lhe?

PETRÚQUIO

- Vilão, ordeno, que me bata nessa porta e com toda força que tiveres, ou baterei eu os teus miolos pra fora dessa cabeça de velhaco.

GRÚMIO

- Meu amo está querendo brigar mesmo. Mas se eu lhe bato, já sei quem sairá com a pior parte.

PETRÚQUIO

- Então não bates? Pois bem, patife, já que não queres bater, farei eu soar os tímpanos... dos teus ouvidos. Quero ouvir se eles tocam o dó-ré-mi. (TORCE-LHE AS ORELHAS)

GRÚMIO

- Socorro, senhores, socorro! Meu amo enlouqueceu!

PETRÚQUIO

- Poltrão, patife, agora baterás quando eu mandar. (ENTRA HORTÊNSIO)

HORTÊNSIO

- O que é que há? Que aconteceu? Meu velho amigo Grúmio! E meu grande amigo Petróquio! Como vão todos em Verona?

PETRÚQUIO

- Se vens terminar a nossa briga, caro amigo, *contutto il cuore ben trovato*, é o que lhe digo.

HORTÊNSIO

- *Alia nostra casa ben venutto molto honorato signior mio Petruchio*. Levanta, Grúmio, levanta: a briga já acabou.

GRÚMIO (LEVANTANDO-SE)

- Afirmo-lhe, senhor, que o que ele diz em latim não me interessa a não ser que seja uma forma legal de me dispensar do serviço. Veja o senhor, ordenou-me que eu lhe batesse com toda a minha força; ora, deve um criado espancar o patrão, um homem de mais de trinta anos? Oxalá, meu Deus, tivesse eu batido mesmo: o resultado tal vez fosse melhor.

PETRÚQUIO

- Patife e estúpido! Caro Hortênsio, ordenei a este canalha que me batesse à sua porta e não consegui fazer que obedecesse!

GRÚMIO

- Bater na porta? Oh, céus! Mas eu ouvi dizer bem claramente - “Bate-me aqui, vilão”, “Me bate nessa porta”, “Me bate com toda a força que tiver”. E agora o senhor me vem com esse “bater na porta”?

PETRÚQUIO

- Vai embora daqui, rapaz, ou cala a boca.

HORTÊNSIO

- Paciência, Petróquio; eu lhe peço, por Grúmio: é uma discussão lamentável entre você e esse criado antigo, fiel e divertido! E agora me diga, bom amigo, que bons ventos o sopraram da velha Verona até aqui, em Pádua!?

PETRÚQUIO

- O vento que espalha os jovens pelo mundo em busca de fortuna fora da própria terra, onde não há mais o que aprender. Em resumo, velho Hortênsio, eis o que há comigo: Antônio, meu pai, acaba de morrer. Atirei-me então em meio ao caos, decidido a casar do melhor modo e prosperar o mais possível. Tenho dinheiro na bolsa e bens na pátria. Resolvi viajar e ver o mundo.

HORTÊNSIO

- Então, Petróquio, devo eu, sem rodeios, aconselhar-te uma mulher grosseira e detestável? Sei que não parece um conselho aconselhável; garanto porém que ela é rica, e muito rica: mas qual, és muito amigo meu para que eu queira apresentar-te a ela.

PETRÚQUIO

- Signior Hortênsio, entre amigos como nós poucas palavras bastam. Assim, se conhece uma mulher bastante rica para ser esposa de Petróquio, como a riqueza deve ser a chave de ouro do meu soneto matrimonial, essa mulher pode ser tão feia quanto a amada de Florêncio, tão velha ou mais velha que a Sibila, tão abominável e feroz quanto Xantípa, companheira de Sócrates, que não me moverá do meu intento e nem removerá minha afeição, mesmo que seja tão perigosa quanto o Adriático. Vim arranjar em Pádua um casamento rico: se o casamento é rico — então feliz em Pádua.

GRÚMIO

- Veja, senhor, que ele lhe diz francamente o que tem na cabeça: dê-lhe ouro bastante que ele se casa com um espantalho, uma réstia de cebola ou uma velha de um dente só, mesmo que tenha as cinquenta e duas doenças do cavalo. Nada disso lhe importa, se vier com dinheiro.

HORTÊNSIO

- Bem, Petróquio, uma vez que chegamos tão longe, continua o que era, de início, apenas brincadeira. Posso ajudar-te a conseguir uma mulher bastante rica, jovem e bem bonita. Educada como convém a uma dama. Seu único defeito - e é defeito demais — é ser brusca, teimosa e violenta. Isso a tal ponto que, fosse minha situação inda muito pior, não me casaria com ela nem por uma mina de ouro.

PETRÚQUIO

- Já chega, Hortênsio! Tu não conheces o poder do ouro. Diz-me o nome do pai que isso me basta. Eu a dominarei, inda que berre mais alto que o trovão ríbombando pelos céus de outono.

HORTÊNSIO

- Seu pai é Batista Minola, cavalheiro gentil e educado. Ela se chama Catarina Minola, famosa, em Pádua, por sua língua viperina.

PETRÚQUIO

- Eu conheço o pai dela, embora a não conheça. Ele se dava bem com meu defunto pai. Não dormirei, Hortênsio, antes de vê-la. Assim, perdoa-me a ousadia de abandoná-lo aqui neste primeiro encontro. A menos que me acompanhes até lá.

GRÚMIO

- Eu lhe peço, senhor, deixa-o partir quando quiser. Palavra de honra que, se ela o conhecesse como eu, saberia que com ele nada valem os insultos. Pode chamá-lo de canalha vinte vezes que pouco se lhe dá; quando ele começa não para antes do fim. E lhe garanto, senhor, que se ela resistir um só momento ele lhe marcará o rosto de tal modo que ficará mais cega do que um gato cego. Ah, o senhor não o conhece.

HORTÊNSIO

- Espera Petróquio, eu vou contigo, pois meu tesouro está sob a guarda de Batista: ele tem em custódia a flor de minha vida, sua filha mais jovem, a bela Bianca. E a esconde de mim, assim como de outros que a cortejam, rivais do meu amor. Por achar impossível, em vista dos defeitos há pouco enumerados, arranjar pretendente a mão de Catarina, Batista decidiu que ninguém se aproxime de Bianca antes que a tal megera arranje um esposo.

GRÚMIO

- Catarina, a megera! Belo apelido para uma donzela.

HORTÊNSIO

- Faz-me agora um favor, caro Petróquio: o de apresentar-me vestido em roupas bem solenes ao velho Batista, como sendo um competente professor de música para instruir Bianca; dessa maneira eu tenho pelo menos vagar e liberdade de namorá-la sem que alguém suspeite.

GRÚMIO

- E sem qualquer maldade! Vejam como se aliam os jovens para enganar os velhos: (ENTRAM GRÊMIO E LUCÊNCIO, DISFARÇADO.) Patrão, patrão. Olha, ali! Quem vai lá, hã.?

HORTÊNSIO

- Silêncio, Grúmio, aquele é meu rival. Petróquio, para o lado um instante!

GRÚMIO

- Um rapagão, bonito e apaixonado! (PÕEM-SE TODOS DE LADO.)

GRÊMIO

- Pois muito bem. Verifiquei a lista. Preste atenção, senhor: mandarei encaderná-los ricamente. Livros de amor, apenas; e procure não ler qualquer outro assunto para ela. Me compreende? Além e acima da generosidade de Signior Batista, eu lhe darei a minha recompensa. Pegue também os meus papéis e traga-os sempre perfumados, pois aquela a quem são destinados é mais suave do que o próprio perfume. Que pensa ler?

LUCÊNCIO

- Seja o que for que eu leia será. em teu favor, senhor esteja certo. Usarei da firmeza que usarias estando em meu lugar. Sim, e talvez até use palavras mais propícias, salvo se fosse meu senhor, um sábio.

GRÊMIO

- Oh, o saber! Que belo é!

GRÚMIO

- Oh, o paspalhão Que burro é!

PETRÚQUIO

- Silêncio, ó imbecil!

HORTÊNSIO

- Cala a boca, Grúmio. (FAZ-SE VER) Deus esteja consigo, Signior Grêmio.

GRÊMIO

- E que oportuno encontrá-lo, Signior Hortênsio. Sabe aonde vou? À casa de Batista Minola. Prometi-lhe escolher com o máximo cuidado um professor para a belíssima Bianca; e por feliz casualidade conheci este jovem, cuja instrução e comportamento são ideais para a missão: competente em poesia e outros livros; só os bons, convém frisar.

HORTÊNSIO

- Excelente. Por acaso encontrei também um cavalheiro que ficou de me arranjar um esplêndido professor de música para instruir nossa amada. Assim não ficarei atrás no meu dever para com a bela Bianca, a quem tanto amo.

GRÊMIO

- Não tanto quanto eu - hei de provar com atos.

GRÚMIO (À PARTE)

- Há de provar com sacos de dinheiro.

HORTÊNSIO

- Grêmio, agora não é hora de discutirmos sobre nosso amor. Preste atenção: pois vou dar-lhe notícia igualmente boa pra nós dois. Está aqui um cavalheiro que encontrei por a caso e que concorda em cortejar a feroz Catarina, sim, e até casar com ela, se o dote for satisfatório.

GRÊMIO

- Pois do dito ao feito e muito bem: mas lhe falaste, Hortênsio, de todos os defeitos dela?

PETRÚQUIO

- Sei que é brigona, grosseira e impertinente: se é só isso, senhores, não vejo mal algum.

GRÊMIO

- Nenhum, amigo? Qual é a sua terra?

PETRÚQUIO

- Nasci em Verona. Filho do velho Antônio. Meu pai é morto, mas seu dinheiro é vivo e espero ver dias longos e felizes.

GRÊMIO

- Oh, senhor, tal vida com tal mulher seria estranho! Porém, se tem um bom estômago, para a frente, em nome de Deus, que eu ajudarei em tudo que puder. Mas é verdade mesmo que pretende cortejar esse gato-do-mato?

PETRÚQUIO

- Quero viver!

GRÚMIO

- Se pretende cortejá-la? Se não, me enforco!

PETRÚQUIO

- Mas eu não vim cá com intenção? Pensam que qualquer barulhinho me ensurdece? Já não ouvi nesta vida o rugir dos leões? Já não ouvi o mar, batido pelos ventos, rosnar como um javali enfurecido empapado de suor? Já não ouvi o canhão nos campos de batalha e a artilharia do céu arrebeitar em raios sobre a terra? Nunca escutei, no meio de um combate, os gritos de alarme, o relinchar dos cavalos, trombetas ecoarem? E você vem me falar de uma língua de mulher que não faz no ouvido a metade do ruído de uma castanha estalando num fogão! Ora! Ora! fantasma é pra criança!

GRÚMIO

- Não tem medo de nada.

GRÊMIO

- Escuta, Hortênsio, tenho o pressentimento de que esse senhor chegou em boa hora; para seu próprio bem e para o nosso.

HORTÊNSIO

- Prometi-lhe que ajudaríamos em todos os gastos que tiver; sejam quais forem.

GRÊMIO

- E faremos assim - contanto que a conquiste.

GRÚMIO

- Ah, se um gostoso jantar fosse tão certo. (ENTRA TRÂNIO, MUITO BEM VESTIDO E BIONDELLO.)

TRÂNIO

- Deus esteja convosco, cavalheiros! Poderiam me informar, se não é muita ousadia perguntar, qual o caminho mais rápido para a casa do Signior Batista Minola?

GRÊMIO

- Um que tem duas filhas bem bonitas? É desse que fala?

TRÂNIO

- Ele mesmo! Biondello...

GRÊMIO

- Um instante, senhor. Não está se referindo à filha mais...

TRÂNIO

- Talvez. Talvez a ele e a ela, senhor: que lhe importa?

PETRÚQUIO

- Espero ao menos que não se refira à brigona...

TRÂNIO

- Não gosto de brigonas, senhor. Biondello, vamos.

LUCÊNCIO (À PARTE)

- Bom começo, Trânio.

HORTÊNSIO

- Senhor, uma palavra só antes que parta; é pretendente à mão da jovem de que fala, sim ou não?

TRÂNIO

- E se for, caro senhor, ofende alguém?

GRÊMIO

- Não se sair daqui imediatamente, sem dizer mais uma palavra.

TRÂNIO

- Por que, cavalheiro? As ruas, por acaso, são menos livres para mim do que para o senhor?

GRÊMIO

- As ruas, não, mas a jovem.

TRÂNIO

- Por que razão, se mal pergunto?

GRÊMIO

- Se quer mesmo sabê-lo, pela simples razão de ser a eleita do coração do Signior Grêmio.

HORTÊNSIO

- A preferida do Signior Hortênsio.

TRÂNIO

- Devagar, meus senhores. Se são cavalheiros, escutem com paciência e façam-me justiça. Batista é um nobre fidalgo de quem meu pai não é um desconhecido; e fosse a filha dele mais bela do que é, com mais adoradores, eu, ainda assim, também seria um deles. A filha da formosa Leda teve mil pretendentes; bem pode ter mais um a formosa Bianca. E assim será: Lucêncio será seu pretendente mesmo que o próprio Páris surja como rival.

GRÊMIO

- Como! No jogo das palavras esse senhor vai nos vencer a todos!

LUCÊNCIO

- É dar-lhe rédea; na certa não tem fôlego.

PETRÚQUIO

- Hortênsio, qual é o fim de tanto palavrório?

HORTÊNSIO

- Cavalheiro, permita-me a audácia da pergunta: já viu alguma vez a filha de Batista?

TRÂNIO

- Não, senhor, mas ouvi falar que tem duas: uma famosa pela língua envenenada, a outra pela modéstia e formosura.

PETRÚQUIO

- Senhor, senhor. A primeira é a minha. Deixa-a em paz.

GRÊMIO

- Sim, entreguem esse trabalho ao forte Hércules, pois é ainda maior que os outros doze.

PETRÚQUIO

- Amigo, já lhe conto o que há, em confidência: a tal filha mais jovem pela qual tanto anseia, o pai a mantém afastada do acesso de qualquer pretendente. E não a cederá a nenhum homem sem antes casar a outra filha. Só então a mais jovem será livre: nunca antes disso.

TRÂNIO

- Se assim é, senhor, e se pretende ajudar-nos a todos — e eu entre os demais — se conseguir romper o gelo e realizar a proeza de dominar a mais velha, deixando a mais jovem livre ao nosso acesso, o que a conquistar não será tão sovina que se mostre ingrato.

HORTÊNSIO

- Muito bem dito, senhor, e tão bem pensado. E já que afirma ser um pretendente, deve recompensar também o nobre cavalheiro a quem todos ficamos devedores.

TRÂNIO

- Não sou um miserável, senhores; e como prova convido-os a passar a tarde juntos, bebendo à saúde de nossa bela ama da, como fazem os defensores da lei nos tribunais: brigam e disputam em público, mas comem e bebem como amigos.

GRÊMIO E BIONDELLO

- Excelente proposta. Amigos, vamos!

HORTÊNSIO

- A proposta é excelente, na verdade; vamos a ela, Petróquio, serei teu bem venuto. (SAEM)

SEGUNDO ATO

CENA 1

(PÁDUA. APOSENTO EM CASA DE BATISTA. ENTRAM CATARINA E BIANCA.)

BIANCA

- Querida irmã, não me torture fazendo-me de criada e de escrava. Isso me humilha. Quanto aos enfeites, porém, solta minhas mãos que eu mesma os tirei, sim, minhas roupas todas, até a anágua. Isto, e tudo mais que ordenar, pois sei bem meus deveres para com os mais velhos.

CATARINA

- Pois ordeno que me digas; de todos teus pretendentes, qual é o teu preferido? E não me vem com fingimentos.

BIANCA

- Creia-me, irmã, de todos os homens deste mundo ainda não conheci em cujo rosto eu preferisse ao rosto de outro homem.

CATARINA

- Mentirosa engraçadinha; não é Hortênsio?

BIANCA

- Se gostas dele, irmã, eu juro interceder e fazer tudo para que o conquistes.

CATARINA

- Ah, talvez então prefiras um rico. Quem sabe Grêmio, que te conservará em ouro?

BIANCA

- É ele que te causa inveja? Ah, não, percebo que tu zombas; e tens zombado de mim o tempo todo. Por favor, irmã Cata, solta minhas mãos.

CATARINA

- Se isto é zombaria, tudo o mais também. (BATE NELA. ENTRA BATISTA)

BATISTA

- Hei, que é isso, que insolência é essa? De onde vem essa fúria? Afaste-se! Bianca – pobrezinha! Está chorando. Vai buscar tua agulha e sai de perto dela. Não te envergonhas, espírito maligno, de maltratar essa que nunca te ofendeu e nem sequer jamais cruzou contigo uma só palavra descortês?

CATARINA

- Ela me insulta com o seu silêncio. E vou me vingar. (CORRE ATRÁS DELA)

BATISTA (SEGURANDO-A)

- Como! Na minha frente! Entra Bianca! (SAI BIANCA)

CATARINA

- Está claro; percebo que não me suporta. Agora sei: ela é o seu tesouro e deve ter logo um marido. No dia em que ela casar devo dançar descalça e, porque o senhor a idolatra tanto, eu ficarei para esposa do demônio. Não me fale mais. Vou me fechar, chorando, até chegar a hora da vingança. (SAI)

BATISTA

- Houve jamais um homem tão amargurado? Mas, quem vem lá? (ENTRAM GRÊMIO, COM LUCÊNCIO VESTIDO COMO UM HOMEM COMUM; PETRÚQUIO, COM HORTÊNSIO COMO UM MÚSICO; E TRÂNIO, COM BIONDELLO TRAZENDO UM ALAÚDE E LIVROS.)

GRÊMIO

- Bom dia, vizinho Batista.

BATISTA

- Bom dia, vizinho Grêmio. Deus os guarde a todos, cavalheiros.

PETRÚQUIO

- E ao senhor, meu senhor. Desculpe, mas não tem uma filha bela e virtuosa, chamada Catarina?

BATISTA

- Tenho uma filha chamada Catarina.

GRÊMIO

- Você está muito rápido. Vá por etapas.

PETRÚQUIO

- Está me atrapalhando, Signior Grêmio; com licença. Sou um cavalheiro de Verona, senhor; ouvindo falar da beleza e da inteligência de sua filha, sua afabilidade e doçura de maneiras, suas qualidades maravilhosas de modéstia e recato, apressei-me em vir a esta casa, hóspede ousado, para que meus olhos fossem testemunhas do que ouvi tantas vezes. E como penhor para que me receba, apresento-lhe um dos meus servidores (APRESENTA HORTÊNSIO), versado em música e matemática, que instruirá sua filha nessas ciências, das quais sei que ela pouco ignora. Aceite-o, que se não me ofende. Seu nome é Lício, natural de Mântua.

BATISTA

- Seja bem-vindo, amigo, e ele em seu nome. Mas, quanto a minha filha Catarina - sei o que digo, não é para o seu gosto, por mais que eu sinta.

PETRÚQUIO

- Vejo que não pretende casar sua filha ou, então, não lhe convém a minha companhia.

BATISTA

- Não interprete mal as minhas palavras; falo o que sinto. De onde é que vem, senhor? E com que nome devo eu chamá-lo?

PETRÚQUIO

- Petróquio é o meu nome, filho de Antônio, homem bem conhecido em toda Itália.

BATISTA

- Eu o conheço muito; seja bem-vindo pois, em sua honra.

GRÊMIO

- Por favor; Petróquio, encurta tua história que nós, pobres pretendentes, também queremos falar. Mais lento, amigo. Vais com uma pressa incrível!

PETRÚQUIO

- Oh, perdão, Signior Grêmio; queria acabar logo!

GRÊMIO

- Não duvido, senhor; mas ainda há de amaldiçoar o que corteja. Vizinho, o presente dele será muito útil, estou bem certo. É querendo expressar igual estima que lhe trago este jovem erudito (APRESENTA LUCÊNCIO) que estudou em Reims por muito tempo e é tão versado no grego, latim e outras línguas, quanto aquele na música e matemática; seu nome é Câmbio, e eu lhe peço que aceite seus serviços.

BATISTA

- Mil agradecimentos, Signior Grêmio. Seja bem-vindo, gentil Câmbio. Mas, nobre senhor, (A **TRÂNIO**) sua aparência é de estrangeiro. Se não é ousadia, poderia perguntar-lhe por que se encontra aqui?

TRÂNIO

- Perdão, senhor, mas a ousadia é minha, pois sendo um estranho na cidade, vim me por entre os que almejam a mão de Bianca. Não desconheço também o seu propósito de primeiro casar a irmã mais velha. Só lhe peço, porém, a liberdade de, uma vez conhecida minha linhagem, me receber como um dos pretendentes, com o mesmo acolhimento e liberdade dos outros; e quanto a educação de sua filha, ofereço este instrumento simples e este humilde pacote de livros gregos e latinos. Se os aceitar, senhor, aumenta o valor deles; Lucêncio é o meu nome.

BATISTA

- De onde, por favor?

TRÂNIO

- De Pisa, senhor, filho de Vincêncio.

BATISTA

- Um homem poderoso. Conheço bem sua reputação; seja muito bem-vindo, senhor. Você aí, pegue o alaúde (A HORTÊNSIO) e você os livros (A LUCÊNCIO). Verso suas alunas imediatamente. Olá, alguém de dentro (ENTRA UM CRIADO) Rapaz, conduz estes senhores aonde estão minhas filhas, e diz a ambas que eles serão seus professores; devem ser bem tratados. (SAI CRIADO COM HORTÊNSIO, LUCÊNCIO E BIONDELLO) Vamos agora passear um pouco no jardim e depois,

jantar. São todos bem-vindos aqui e bem-vindos desejo que se sintam.

PETRÚQUIO

- Senhor Batista, meu negócio me toma o tempo todo e não posso vir diariamente aqui, fazer a corte a sua filha. O senhor conheceu bem meu pai e, por conhecer meu pai, conhece a mim, herdeiro de todos os seus bens e terras, herança que não esbanjei, antes ampliei. Diga-me então; se eu conseguir o amor de Catarina, que dote receberei quando casar com ela?

BATISTA

- Quando eu morrer, metade destas terras e, no momento, vinte mil coroas.

PETRÚQUIO

- Bem. E em troca eu asseguro que, se ela enviudar, sobrevivendo a mim, ficará com todas minhas terras e mais arrendamentos. Redigiremos pois um contrato, a fim de que esta combinação fique garantida para ambas as partes.

BATISTA

- Sim, quando for conseguida a coisa principal ou seja, o amor de minha filha; pois isso é, afinal, o tudo total.

PETRÚQUIO

- Ora, isto não é nada. Eu lhe garanto, pai; sou tão peremptório quanto ela orgulhosa; e quando dois fogos violentos se defrontam, consomem logo tudo que lhes alimenta a fúria. Embora um fogo fraco se atice e aumente com um vento fraco, os vendavais maiores destroem o fogo e tudo. Sou vendaval e ela que se curve. Sou homem rude; não cortejo ninguém como criança.

BATISTA

- Que sejas triunfante em tua corte, feliz em tua pressa. Mas fica armado para algumas palavras mais pesadas.

PETRÚQUIO

- Então, à prova; sou como a montanha em frente aos ventos, sem tremer jamais, embora eles soprem eternamente. (ENTRA HORTÊNSIO COM A CABEÇA QUEBRADA)

BATISTA

- Que aconteceu, amigo? Por que estás tão pálido?

HORTÊNSIO

- Se estou pálido, senhor, só pode ser de medo.

BATISTA

- Por quê? Minha filha não tem vocação musical?

HORTÊNSIO

- Tem mais vocação para soldado. Uma espada poderá servir-lhe, jamais um alaúde.

BATISTA

- Como, não conseguiste dobrá-la à celeste harmonia do alaúde?

HORTÊNSIO

- Consegui apenas, senhor, que ela dobrasse em mim o instrumento. Eu lhe disse somente que ela errava ao dedilhar os bordões e segurei-lhe a mão para ensinar a posição correta. Mas ela, com aquele seu espírito diabólico e impaciente, me gritou: “Ah, você chama isso de bordões? Pois vou esbordoá-lo.” E assim dizendo me acertou na cabeça com tal força que meu corpo passou pelo instrumento. E lá fiquei eu, um instante apalermado, como num pelourinho, olhando através das cordas do alaúde, enquanto ela me chamava de rabequista porco, professor de burros e outras expressões menos gentis.

PETRÚQUIO

- Mas não me conte. É a graça em pessoas Amo-a dez vezes mais do que amava. Oh, como anseio vê-la e conversar com ela.

BATISTA

- Venha comigo e não fique assim desconsolado; continuará a ensinar minha filha mais moça, que gosta de aprender e é muito agradecida. Signior Petróquio, o senhor vem conosco ou prefere que eu mande aqui minha filha Cata?

PETRÚQUIO

- Mande-a aqui, por favor, eu a espero. (SAEM BATISTA, GRÊMIO, TRÂNIO E HORTÊNSIO)
Vou lhe fazer a corte com algumas ironias. Se me insultar; bem, eu lhe direi que canta tão suavemente quanto o rouxinol. Se fizer cara feia; aí direi que seu olhar tem o frescor e a limpidez das rosas matinais banhadas pelo orvalho. Que fique muda? sem pronunciar sequer uma palavra: louvarei sua maneira jovial, frisando que tem uma eloquência admirável. Que mande eu ir embora, e lhe agradecerei como se me pedisse para ficar a seu lado uma semana. E se se recusa casar, fingirei ansiar pelo dia das bodas. Mas lá vem ela; e agora, Petróquio, fala! (ENTRA CATARINA)
Bom dia, Cata, pois ouvi dizer que assim a chamam.

CATARINA

- Pois ouviu muito bem pra quem é meio surdo: os que podem me chamar me chamam Catarina.

PETRÚQUIO

- Tu mentes, Catarina, pois te chamam simplesmente Cata. Cata, a formosa e, algumas vezes, a megera Cata. Mas Cata, a mais bela Cata de toda a Cristandade. Cata esse cata-vento, minha recatada Cata, a quem tantos catam, ah, portanto, por isso Cata, meu consolo, ouvindo cantar tua meiguice em todas as cidades, falar de tuas virtudes, louvar tua beleza, me senti movido a vir aqui pedir-te em casamento.

CATARINA

- Movido, em boa hora! Pois quem o moveu até aqui que daqui o remova. Assim que o vi percebi imediatamente que se tratava de um móvel.

PETRÚQUIO

- Como, um móvel?

CATARINA

- Um móvel. Um banco.

PETRÚQUIO

- Você percebeu bem; pois vem e senta em mim.

CATARINA

- Os burros foram feitos para a carga. Como você.

PETRÚQUIO

- Para carregar-nos muito antes de nascer, foram feitas as mulheres.

CATARINA

- Mas não a animais, quer me parecer.

PETRÚQUIO

- Ai, Cata gentil. Não pesarei quando estiver em cima de ti pois és tão jovem e tão leve...

CATARINA

- Leve demais para ser carregada por um grosseirão como você e no entanto pesada, por ter de ouvi-lo e vê-lo.

PETRÚQUIO

- Não maltrate aquele que a corteja.

CATARINA

- Corteja ou corveja?

PETRÚQUIO

- Oh, pombinha delicada, um corvo te agradaria?

CATARINA

- É melhor que um abutre!

PETRÚQUIO

- Vejo-a agora irritada demais; a pombinha virou vespa.

CATARINA

- Se virei, cuidado com o meu ferrão.

PETRÚQUIO

- Só me resta um remédio, arrancá-lo.

CATARINA

- Sim, se o imbecil soubesse onde ele é.

PETRÚQUIO

- Mas quem não sabe onde é o ferrão da vespa? No rabo.

CATARINA

- Na língua.

PETRÚQUIO

- De quem?

CATARINA

- Na sua, que fala de maneira tão grosseira! E agora, adeus.

PETRÚQUIO

- Assim, com a minha língua no rabo? Não, volta aqui, boa Cata: eu sou um cavalheiro.

CATARINA

- Vou verificar (ESBOFETEIA-O)

PETRÚQUIO

- Volte a fazê-lo e juro que a estraçalho.

CATARINA

- Com que armas? As de cavalheiro? Se me bater não será cavalheiro e não sendo cavalheiro não terá armas.

PETRÚQUIO

- Ah, entendes de heráldica? Põe-me então no teu brasão, que estou em brasas.

CATARINA

- Qual é o seu emblema? Uma crista de galo?

PETRÚQUIO

- Um galinho sem crista, se queres ser minha franga.

CATARINA

- Galo sem crista não é galo pra mim.

PETRÚQUIO

- Vamos, Cata, vamos; não sejas tão azeda.

CATARINA

- É como eu fico quando vejo um rato.

PETRÚQUIO

- Não há ratos aqui; portanto não se azede.

CATARINA

- Há sim, há sim.

PETRÚQUIO

- Mostre-me então.

CATARINA

- Se tivesse um espelho mostraria.

PETRÚQUIO

- Como? O rato então sou eu?

CATARINA

- Que perspicácia em rapaz tão jovem.

PETRÚQUIO

- Jovem mesmo, por São Jorge. Sobretudo em relação a você.

CATARINA

- E no entanto todo encarquilhado.

PETRÚQUIO

- São as penas do amor.

CATARINA

- Não me dê pena.

PETRÚQUIO

- Agora, ouve aqui, Cata; juro que não me escapas assim.

CATARINA

- Se eu ficar é só para irritá-lo: largue-me!

PETRÚQUIO

- Não, tu não me irritas. Acho que és a própria flor da gentileza. Tinham-me dito que eras brusca, áspera, grosseira e descubro que me informaram toda uma mentira; pois és deliciosa, divertida, a flor da cortesia. Um pouco lenta no falar, mas com a beleza do despontar da primavera. Não amarras a cara, não olhas contrafeita, nem mordes os lábios como usam fazer as moças geniosas. Não tens nenhum prazer em dizer palavras ofensivas, recebendo, ao contrário, teus enamorados com distinção e amabilidades. Por que essa gente afirma que Cata é manca de uma perna? Oh, mundo vil. Cata é esbelta e reta como uma avelã, tem na pele o moreno azulado da avelã e possui o estranho gosto dessa amêndoa. Anda para que eu aprecie o teu andar: tu não claudicas.

CATARINA

- Vai mandar nos teus criados, imbecil.

PETRÚQUIO

- Terá Diana jamais ornado um bosque com o principesco encanto com que Cata adorna este aposento? Ah, Cata, seja você Diana e deixe que ela seja Cata. Que essa Cata seja casta então enquanto for amorosa esta Diana.

CATARINA

- Onde é que você aprendeu esses discursos?

PETRÚQUIO

- São de improviso. Herdei de minha mãe essa virtude.

CATARINA

- Mãe espirituosa demais para um filho tão sem graça.

PETRÚQUIO

- Então não tenho espírito?

CATARINA

- É, porém, um pouco frio.

PETRÚQUIO

- É por isso que pretendo aquecer-me em teu leito; e agora pondo de lado tudo o que dissemos, vou falar claro: teu pai já consentiu em que cases comigo. Já concordamos com respeito ao dote. E queiras ou não queiras, vou me casar contigo. Olha, Cata, sou o marido que te convém, pois, por esta luz que me permite contemplar tua beleza, essa beleza que me faz te amar com tal profundidade - tu. não deves casar com nenhum outro. Eu sou aquele que nasceu para domar-te e transformar a Cata selvagem numa gata mansa. Mas aí vem teu pai; não recuses nada, pois quero e terei Catarina como esposa. (ENTRAM BATISTA, GRÊMIO E TRÂNIO)

BATISTA

- Então, Signior Petróquio, fez algum progresso com minha filha?

PETRÚQUIO

- E poderia ser de outra maneira? Vai tudo bem, vai tudo bem!

BATISTA

- E você, filhinha, sempre zangada?

CATARINA

- E o senhor vem me chamar filhinha? Pois mostra um estranho zelo paternal querendo que eu me case com esse doido e meio; um rufião lunático que procura se impor com pragas e ameaças.

PETRÚQUIO

- O que acontece é isto, caro pai: o senhor e todos que falam de Catarina não a compreenderam. Ela é violenta apenas por política, pois seu temperamento nada tem de insolente. Ao contrário, é manso como o de um pomba. Não é afogueada, mas fresca como a aurora. Quanto a paciência, poderia se dizer uma nova Griselda, e Lucrecia, a Romana, em castidade. Em resumo, combinamos tanto que o casamento está marcado para domingo que vem.

CATARINA

- O que eu gostaria, no domingo que vem, era de te ver na forca!

GRÊMIO

- Que é isso, Petróquio? Ela diz que quer te ver na forca.

TRÂNIO

- Foi assim que você a conquistou? Boa noite para o nosso acordo.

PETRÚQUIO

- Paciência, amigos; foi para mim que a escolhi. Se ela e eu estamos satisfeitos, que lhes importa a maneira como nos tratamos? Combinamos, quando estávamos sós, que, em público, ela continuaria a se portar como sempre. Afirmando-lhes que é impossível acreditar o quanto ela me adora. Oh, que encanto é Catarina! Pendurou-se em meu pescoço e respondia beijo a beijo e jura com tão sincero afeto que num piscar de olhos ganhou o meu amor. Ah, vocês são novatos! É espantoso ver, quando um homem e uma mulher ficam sozinhos, como, às vezes, um maricotas de última classe consegue dominar a mais terrível megera! Me dá tua mão, Cata; parto para Veneza onde vou comprar o necessário às bodas. Prepare a festa, pai, e avise os convidados. Faça com que esteja um encanto a minha Catarina!

BATISTA

- Não sei o que dizer; mas dêem-se as mãos. Deus lhe mande alegria, Petróquio. Estamos combinados.

GRÊMIO E TRÂNIO

- Nós dizemos amém como testemunhas.

PETRÚQUIO

- Pai, esposa, cavalheiros, adeus; vou para Veneza. O domingo chega logo. Comprarei anéis, broches e outras coisas. Um beijo, Catarina; domingo nos casamos. (SAEM PETRÚQUIO E CATARINA, UM PARA CADA LADO.)

GRÊMIO

- Houve jamais um casamento combinado com tanta rapidez?

BATISTA

- Palavra, cavalheiros; faço agora o papel do mercador que se aventura em negócio desesperador.

TRÂNIO

- Era uma mercadoria que se estragava abandonada; agora ou traz lucro ou perde-se nos mares.

BATISTA

- O lucro que procuro é a paz desse casal.

GRÊMIO

- Não há dúvida de que ele a conquistou sem estardalhaço. Mas agora, Batista, falemos de sua filha menor. Hoje é o dia por que esperamos tanto: sou vizinho seu e o primeiro entre todos os pretendentes.

TRÂNIO

- E eu sou aquele que ama Bianca mais do que podem exprimir simples palavras.

GRÊMIO

- Rapazinho, não podes amar da maneira intensa com que eu amo.

TRÂNIO

- Vovozinho, o teu amor congela.

GRÊMIO

- E o teu derrete. Para trás, doidivanas: o que fecunda é a idade

TRÂNIO

- Mas para o olhar das mulheres o que faz florescer é a juventude.

BATISTA

- Contenham-se, cavalheiros, eu decido a questão. O que importa são os atos; aquele dos dois que garantir dote maior, terá o amor de Bianca. Diga, Signior Grêmio, que tem a oferecer?

GRÊMIO

- Primeiro, como sabe, minha casa na cidade e ricamente guarnecida de pratas e de ouro: jarras e bacias onde ela poderá lavar as mãos tão delicadas. Meus gobelinos são todos de tapeceiros tírios; em chifres de marfim atulham-se as coroas; nas arcas de carvalho colchas e cortinados, doces, vestes custosas, linhos finíssimos, almofadas turcas com brocados de pérolas, damascos de Veneza,

todos feitos a mão em fio de ouro; estanhos, cobres e todas as coisas necessárias à vida de uma casa; depois, na minha propriedade de campo, tenho ainda cem vacas leiteiras das melhores, cento e vinte bois engordados no estábulo e tudo o mais em proporção igual. Sou entrado em anos, reconheço, e se morro amanhã, tudo isso é dela, se enquanto eu viver ela consente ser só minha.

TRÂNIO

- Esse somente veio bem a tempo. Senhor, peço atenção. Sou filho e herdeiro único de meu pai. Se der sua filha como esposa, deixarei para ela, dentro dos muros de Pisa, três ou quatro casas tão boas quanto a que o velho Signior Grêmio tem em Pádua. Além disso, dois mil ducados anuais provenientes de terras de cultura. Tudo será propriedade dela. Como, deixei-o atrapalhado, Signior Grêmio?

GRÊMIO

- Dois mil ducados anuais e o que rendem suas terras? O valor total de minhas terras mal chega a isso. Mas serão dela: além de uma galera que se encontra agora no rumo de Marselha. Não diga que o engasguei com essa galera!

TRÂNIO

- Grêmio, todos sabem que meu pai possui nada menos que três grandes galeras; possui ainda dois galeões e doze embarcações menores; é o que desde já fica prometido a Bianca e mais o dobro de tudo que você pensar em oferecer.

GRÊMIO

- Chega! Já ofereci tudo, nada mais possuo: ela não poderá ter mais do que tudo que tenho; se o senhor me aceitar, ela receberá a mim e o que é meu.

TRÂNIO

- Então, se é assim, se está de pé sua proposta, a jovem é minha. Grêmio, confesse estar vencido.

BATISTA

- Devo admitir que a sua oferta é melhor. Se seu pai confirmar essa proposta, Bianca será sua. Contudo, me perdoe; no caso de você morrer antes do velho em que fica o dote?

TRÂNIO

- Isso é só um hipótese: ele é velho, eu moço.

GRÊMIO

- E os moços não morrem, só os velhos?

BATISTA

- Bem, cavalheiros, eis minha resolução: como ouvirem, minha filha Catarina casa-se no domingo que vem, assim, no domingo seguinte, Bianca será sua noiva, se você me trazer uma garantia. Se não, será do Signior Grêmio. E assim, senhores, eu me despeço, agradecido a ambos.

GRÊMIO

- Adeus, bom vizinho. (SAI BATISTA) Não pense que eu o temo, meu mocinho presunçoso. Teu pai seria um tolo se, na sua idade, te entregasse tudo e passasse a comer tuas migalhas; qual, um piada! Um velha raposa italiana não tem tanta bondade, meu garoto. (SAI)

TRÂNIO

- Maldição sobre tua pele engelhada. Mas eu te enfrentarei com um belo trunfo. Minha obrigação é servir a meu senhor o melhor que puder. Assim, não vejo razão para que um falso Lucêncio não tenha um pai Vincêncio também falso. E aí está o espantoso: são os pais, normalmente, que geram e criam os filhos, mas neste caso de amor, se não me falha o engenho, o filho dará à luz um pai. (SAI)

TERCEIRO ATO

CENA 1

(PÁDUA. APOSENTO EM CASA DE BATISTA. ENTRAM LUCÊNCIO, HORTÊNSIO E BIANCA.)

LUCÊNCIO

- Para com esse instrumento; que impertinência Já esqueceu a maneira como Catarina o recebeu?

HORTÊNSIO

- Seu brigão é pretensioso, esta é a padroeira da harmonia celeste! Portanto, é natural que a preferência seja minha. Depois que eu acabar minha hora de ensino musical, poderás dedicar um tempo igual a essas leituras.

LUCÊNCIO

- Asno imbecil, que nunca leu sequer o bastante para saber por que motivo se inventou a música: Não foi então para aliviar o espírito do homem depois dos estudos ou de um trabalho árduo? Deixe-me ler filosofia e, quando eu parar, esteja pronto para servir a harmonia.

HORTÊNSIO

- Rapaz, não pensa que vou suportar sua insolência.

BIANCA

- Como, senhores, me fazem dupla ofensa, discutindo uma primazia que depende só de mim. Não estão ensinando a um aluno de escola; não quero que me amarrem a horas ou horários. Desejo aprender minhas lições como mais me agrada. E para acabar a discussão, sentemo-nos aqui. Pegue seu alaúde e vá tocando; nossa leitura não demorará mais do que o tempo de afinar o instrumento.

HORTÊNSIO

- Quando estiver afinado acabará a lição? (SAI)

LUCÊNCIO

- Então a lição não acabará nunca - vai afinando.

BIANCA

- Onde tínhamos parado?

LUCÊNCIO

- Aqui senhora. (LÊ) *Hac ibat Simois: hic est Sigeia tellus hic steterat Priami regia celsa senis.*

BIANCA

- Traduz.

LUCÊNCIO

- *Hac ibat* — como lhe disse antes -, *Simois* — eu sou Lucêrio —, *hic est* — filho de Vincêncio de Pisa -, *Sigeia tellus* - disfarçado assim para conseguir seu amor -, *hic steterat* — e esse Lucêncio que se apresenta como pretendente -, *Primai* - e meu criado Trânio -, *regis* — que tomou o meu nome -, *celsa denis* — para que junto pudéssemos enganar o velho pantalão.

HORTÊNSIO (ENTRANDO)

- Senhora, o instrumento está afinado.

BIANCA

- Vamos ouvir. (HORTÊNSIO TOCA) Oh, pára! O agudo está muito desafinado.

LUCÊNCIO

- Cospe na corda, amigo, e afina novamente.

BIANCA

- Bem, deixa ver agora se consigo traduzir: *Hac ibat Simois*, eu não o conheço; *hic est Sigeia tellus*, não confio no senhor; *hic steterat Priami*, cuidado para que ele não nos ouça; *regia*, nada espere; *celsa senis*, mas também não desespere.

HORTÊNSIO

- Agora está bem afinado, senhorita.

LUCÊNCIO

- Exceto o baixo.

HORTÊNSIO

- O baixo está certo; o que destoa aqui é algo mais baixo. (À PARTE) Como é atrevido e entusiasmado esse pedante! Por minha vida, que o canalha namora a minha namorada! Canalha, eu te vigiarei melhor que nunca.

BIANCA

- Talvez eu venha a acreditar... agora desconfio.

LUCÊNCIO

- Não desconfie. Ajácida também foi Ajax - assim chamado em nome do avô.

BIANCA

- Devo acreditar no meu mestre; de outra forma, pode crer, ainda teria muito que indagar sobre esse ponto. Mas, paremos aqui. Agora, Lício, a sua vez. Meus bons mestres, não levem a mal, por favor, que eu tenha gracejado com os dois, talvez demais...

HORTÊNSIO (A LUCÊNCIO)

- Quer ir andando agora e nos deixar sozinhos um momento? Minhas lições não servem para três vozes.

LUCÊNCIO

- É tão formal assim, senhor? Bem, fico esperando (À PARTE) - e vigiando; pois, salvo engano, o nosso belo músico está enamorado.

HORTÊNSIO

- Senhorita, antes que pegue este instrumento para aprender a posição dos dedos, devo explicar os rudimentos desta arte. Para lhe ensinar a escala de maneira mais rápida, mais agradável, e mais eficiente do que poderia fazê-lo qualquer um dos meus colegas, escrevi aqui meu método com a minha melhor letra.

BIANCA

- Mas como? Já passei da escala há muito tempo!

HORTÊNSIO

- Contudo, leia a escala de Hortênsio.

BIANCA (LENDO)

- “Escala”: sou a magia que invade o silêncio. A ré, para encantar o grande amor de Hortênsio.

B mi, Bianca, aceita-o como teu senhor

O fá ut, porque te ama com imenso ardor

D sol ré, pus em você meu ideal do mundo

E lá mi, tenha pena de mim, ou eu sucumbo.

E chama isto escala? Qual, não me agrada: prefiro ficar com a tradição! Não sou leviana para trocar regras antigas por loucas invenções. (ENTRA UM CRIADO)

CRIADO

- Senhora, seu pai pede que deixe os livros para ajudar na arrumação do quarto de sua irmã. Manda lembrar que amanhã é o dia do casamento dela.

BIANCA

- Adeus, mestres queridos, a ambos; devo deixá-los. (SAEM BIANCA E CRIADO)

LUCÊNCIO

- Se vai embora, senhorita, já não tenho motivo para ficar aqui. (SAI)

HORTÊNSIO

- Mas eu tenho muito para vigiar esse janota. Tem todo o ar de quem está amando. Porém, minha Bianca, se és tão leviana que derramas olhares para qualquer embusteiro, pegue-te então quem quiser. Basta outra vez eu te encontrar como encontrei aqui, que Hortênsio irá embora vingando-se de ti. (SAI)

CENA II

(O MESMO EM FRENTE À CASA DE BATISTA. ENTRAM BATISTA, GRÊMIO, TRÂNIO, CATARINA, BIANCA, LUCÊNCIO E OUTROS CRIADOS.)

BATISTA - (PARA TRÂNIO)

- Signior Lucêncio, é hoje o dia do casamento de Petróquio e nem sabemos onde está meu genro. Que irão falar? Que zombaria não farão ao saber que o sacerdote aguarda e não há noivo para cumprir o cerimonial do enlace? Que diz Lucêncio diante dessa vergonha que passamos?

CATARINA

- A vergonha é toda minha; obrigada a conceder a mão contra a vontade a um maluco estúpido e cheio de capricho que ficou noivo às pressas mas pretende casar bem devagar. Eu bem dizia, eu, que era um louco varrido, escondendo sentimentos vis sob a capa de um comportamento excêntrico. Para ter fama de engraçado, é bem capaz de cortejar mil moças, marcar o dia dos enlaces, organizar as festas, convidar amigos e espalhar os proclamas, sem ter sequer intenção de casar com quem

antes noivou. Agora o mundo pode apontar para a pobre Catarina e dizer: “Olhem, aí vai a mulher do doido Petróquio se a Petróquio lhe agradecer voltar e se casar com ela.”

TRÂNIO

- Paciência, boa Catarina, e o senhor também, Batista. Por minha vida, as intenções de Petróquio são honradas, seja qual for o azar que o impede de cumprir sua palavra; embora um tanto brusco, é mais do que sensato, e apesar de suas brincadeiras é homem muito sério.

CATARINA

- Ah, antes não o tivesse visto nunca! (SAI CHORANDO, SEGUIDA POR BIANCA E OUTROS.)

BATISTA

- Vai, filha, vai; não posso censurá-la por chorar. Pois tal afronta envergonharia um santo, quanto mais um gênio impaciente como o teu. (ENTRA BIONDELLO)

BIONDELLO

- Patrão! Patrão! Novidades! Velhas novidades e novidades tais como jamais ouviste.

BATISTA

- Novidades velhas? Como pode ser isso?

BIONDELLO

- Então não é novidade da chegada de Petróquio?

BATISTA

- Ele chegou?

BIONDELLO

- Não senhor.

BATISTA

- E então?

BIONDELLO

- Está chegando.

BATISTA

- Quando estará aqui?

BIONDELLO

- Quando estiver onde estou e vir o senhor como o estou vendo.

TRÂNIO

- Mas, então, qual é a tua velha novidade?

BIONDELLO

- Uah! Petróquio vem com um chapéu novo e uma jaqueta velha; tem culotes três vezes revirados; um par de botas que já foram candelabros, uma de fivela, de cordão a outra; uma espada velha e enferrujada roubada do arsenal desta cidade, com o punho partido e a folha retorcida, quebrada em duas partes. Seu cavalo vem capengando sob uma velha cela corroída pelas traças, e de estribos desiguais. O animal sofre de gosma e de bicheiras; está cheio de sarna, infectado de escrófulas, gordo de tumores, coberto de perebas, amarelo de icterícia, rendado de varizes, roído de lombrigas, quase cego de vertigem. Tem a espinha arreventada, as ancas deslocadas e é manco das duas mãos. Vem preso só com a metade de um freio e por uma rédea de couro de carneiro que à força de ser puxada para impedir que ele caia, já arreventou um tanto que e só nó. Â cilha foi remendada dez vezes e o celim de veludo é de mulher, cujo nome está lá em duas belas letras, gravadas com tachas, é aqui e ali cosidas com barbante.

BATISTA

- Quem vem com ele?

BIONDELLO

- Oh, senhor, o lacaio, equipado tal qual o cavalo. Uma meia de linho numa perna e na outra uma perneira bem grossa com ligas de listas azuis e encarnadas; um chapéu velho e, em vez de plumas, uma divisa dizendo: “O humor de quarenta fantasias.” Um monstro, um verdadeiro monstro em indumentária, sem qualquer semelhança com um criado cristão ou com o lacaio de um cavalheiro.

TRÂNIO

- Algum capricho estranho o leva a se vestir assim, embora o mais das vezes não ande bem trajado.

BATISTA

- Estou satisfeito que ele chegue, venha como vier.

BIONDELLO

- Mas, senhor, ele não vem.

BATISTA

- Mas você não disse que ele vinha?

BIONDELLO

- Quem, Petróquio?

BATISTA

- Sim, que Petróquio vinha.

BIONDELLO

- Não, senhor; eu disse que vinha era o cavalo... com Petróquio às costas.

BATISTA

- Ora bolas, dá tudo no mesmo.

BIONDELLO

- Por Tiago, o santo, dinheiro eu lhe garanto, que homem e cavalo somam mais que um e, porém, não tanto. (ENTRAM PETRÚQUIO E GRÊMIO)

PETRÚQUIO

- Vamos, vamos, onde estão esses elefantes? Ninguém em casa?

BATISTA

- Seja bem-vindo, senhor.

PETRÚQUIO

- Contudo não venho bem.

BATISTA

- Contudo não está capenga.

TRÂNIO

- Nem tão bem vestido quanto eu gostaria.

PETRÚQUIO

- Estaria melhor, não fosse a pressa de chegar. Mas, onde esta Cata? Onde se encontra minha noiva encantadora? Como vai, meu pai? Cavalheiros, tanta cara feia! Olham para esta agradável companhia como se contemplassem um monumento estranho, algum cometa ou um prodígio fora do comum.

BATISTA

- Ora, senhor, não ignora que hoje é o dia do seu casamento. Antes, estávamos tristes, temendo que não aparecesse. E eis-nos ainda mais tristes, por vê-lo em tal estado. Arre! Tira esse traje, vergonha deste dia, dolorosa visão nesta solene cerimônia!

TRÂNIO

- E conte-nos que assunto de tal magnitude o manteve tão longo tempo afastado da esposa e agora o traz como um desconhecido.

PETRÚQUIO

- Seria tedioso de contar, duro de ouvir; basta saber que vim cumprir minha palavra, embora forçado a falhar em alguns pontos, dos quais, com mais vagar, eu lhes darei desculpas que sei satisfatórias. Mas, onde está Cata? Permaneci sem ela tanto tempo! A manhã se gasta: já era tempo de estarmos na igreja.

TRÂNIO

- Não se apresente a sua noiva em roupas tão irreverentes. Vá a meu quarto e vista roupas minhas.

PETRÚQUIO

- Não eu, rode crer. Vou vê-la assim mesmo.

BATISTA

- Mas, espere, não irá se casar vestido assim.

PETRÚQUIO

- Exatamente, exatamente assim. Portanto, basta de palavras — ela casa comigo, não com minhas

roupas. Pudesse eu consertar tudo que Cata tornará usado em Petróquio, com a mesma facilidade com que posso trocar estes andrajos; seria bom pra ela e melhor pra mim. Mas que insensato sou; fico aqui conversando, quando devia ir dar bom dia a minha amada, selando o nosso compromisso com um beijo ardente. (SAEM PETRÚQUIO E GRÊMIO)

TRÂNIO

- Deve ter suas razões para esse traje doido; mas, se possível, nós o convenceremos a vestir-se melhor, antes de ir a igreja.

BATISTA

- Vou atrás dele, ver o que acontece. (SAEM BATISTA, GRÊMIO E CRIADOS)

TRÂNIO

- Mas, senhor, ao amor que ela lhe tem, devemos juntar a permissão do pai. A fim de consegui-la, como já disse antes a V. Senhoria, vou arranjar um homem - seja qual for, sua habilidade não importa, pois nós o instruiremos com cuidado — que represente ser Vincêncio de Pisa; e dê, aqui em Pádua, garantias de bens inda maiores do que eu prometi. Assim se cumprira sua esperança e, com o consentimento do pai, poderá desposar a doce Bianca.

LUCÊNCIO

- Se o meu companheiro professor não vigiasse tão de perto os passos de Bianca, bem que poderíamos realizar em segredo o nosso casamento. E, uma vez realizado, ainda que todo mundo estivesse contra o fato, o fato existiria, ela seria minha.

TRÂNIO

- Para alcançar nosso objetivo devemos avançar aos poucos. Botaremos de lado o barbudo grisalho, o velho Grêmio, o pai Minola que não enxerga muito, e o músico finório, esse amoroso Lício. Tudo em favor de meu senhor, Lucêncio. (ENTRA GRÊMIO) Senhor Grêmio, está vindo da Igreja?

GRÊMIO

- Com o mesmo prazer com que vinha da escola.

TRÂNIO

- E os recém-casados também vêm para casa?

GRÊMIO

- Falou em recém-casados? Ele devia ser recém-casado, pois entregaram a moça a uma fera!

TRÂNIO

- Pior que ela? Vamos, é impossível!

GRÊMIO

- Ora! Ele é um demônio, e um demônio, o próprio cão!

TRÂNIO

- Ora! Ela é um demônio, é um demônio, a fêmea do demônio!

GRÊMIO

- Nem diga isso, ela é uma ovelha, uma pomba, uma tolinha diante dele. Eu lhe conto, senhor Lucêncio: quando o padre perguntou se aceitava Catarina como esposa, ele gritou: “Sim, pelas chagas do diabo!” E começou a praguejar tão alto que o padre, em seu espanto, deixou cair o livro. E quando se curvava pra apanhá-lo, o noivo, ensandecido, lhe desferiu tal trompaço que lá se foi ao chão o padre e o livro, o livro e o padre: “Agora que os levante” gritou ele — “quem tiver coragem.”

TRÂNIO

- E que disse a moça ao levantar-se o padre?

GRÊMIO

- Tremia e sacudia, pois o noivo não parava de rugir e praguejar como se o padre quisesse tapeá-lo. E ao ver a cerimônia terminada ele gritou por vinho. “À saúde de todos” como se estivesse a bordo, berrando aos companheiros depois da tempestade. Bebeu um golão de moscatel e atirou todo o resto na cara do sacristão pela simples razão de que sua barba rala pareceu-lhe tão seca que implorava um trago. Feito o que, segurou a mulher pelo cangote e beijou-a nos lábios com tal fúria que, ao se separarem, o estalo ecoou em toda a igreja. Vendo isso escapei envergonhado e atrás de mim, estou certo, todos que estavam lá. Um casamento doido como esse, tenho a impressão que nunca houve

antes. Escuta! Escuta Já se aproximam os menestréis tocando. (MÚSICA. ENTRAM PETRÚQUIO, CATARINA, BIANCA, BATISTA E GRÊMIO, COM HORTÊNSIO E O SÉQUITO.)

PETRÚQUIO

- Cavalheiros e amigos, eu lhes agradeço por terem se incomodado em vir até aqui. Sei que pensavam jantar comigo hoje e para isso preparamos majestoso banquete. Acontece, porém, que a pressa me chama para longe e, assim, aproveito o momento e me despeço.

BATISTA

- Mas pelo menos não é possível deixar para ir a noite?

PETRÚQUIO

- Devo partir com o dia, antes que a noite chegue. Não se espante; se o senhor soubesse dos meus negócios, pediria que eu partisse mais depressa. Assim, honrada companhia, agradeço a todos que assistiram ao ato de entregar-me à mais paciente, carinhosa e virtuosa esposa; jantem com meu pai, bebam à minha saúde. Tenho de ir embora. A todos digo adeus.

TRÂNIO

- Permita-me rogar-lhe que fique, só até o jantar.

PETRÚQUIO

- Não pode ser.

GRÊMIO

- Permita que eu lhe peça.

PETRÚQUIO

- Não pode ser.

CATARINA

- Eu lhe rogo também.

PETRÚQUIO

- Isso muito me agrada.

CATARINA

- Agrada-lhe ficar?

PETRÚQUIO

- Agrada que me rogue; mas eu não ficaria nem que você rogasse tudo que é capaz.

CATARINA

- Bem, se me ama mesmo, fique.

PETRÚQUIO

- Grúmio, o cavalo.

GRÚMIO

- Sim, senhor; um momentinho só. A aveia devorou os cavalos.

CATARINA

- Pois bem, faz o que bem entender, mas eu não parto hoje. Nem hoje, nem amanhã. — só quando me agradar. A porta, senhor, está aberta; o seu caminho, livre. Pode trotar enquanto tiver forças. Quanto a mim, só partirei na hora que quiser. É bem da sua espécie tamanha grosseria e o prova se comportando assim logo de início.

PETRÚQUIO

- Oh, Cata, acalme-se. Eu lhe peço, não se enfureça.

CATARINA

- Não me enfureço? Que tens tu com isso? Fica tranqüilo pai, ele não partirá até que eu mande.

GRÊMIO

- Xi, senhor, agora é que são elas!

CATARINA

- Cavalheiros, todos para o banquete nupcial. Ah, como fazem de boba uma mulher, se ela não tem coragem para resistir.

PETRÚQUIO

- Eles vão ao banquete, Cata, porque ordenas. Obedeçam à noiva, todos que aqui estão. Festejem, divirtam-se, embriaguem-se; que não haja limites na orgia em louvor de sua virgindade. Fiquem

loucos ou alegres ou vão para o diabo. Quanto à minha noivinha, parte comigo. Não, não arregalem os olhos, não batam os pés, não trinquem os dentes, não espumem; quero ser dono do que me pertence. Ela e os meus bens, minha fortuna, minha casa, minha mobília, meu campo, meu celeiro, meu cavalo, meu boi, meu burro, meu tudo que existe. E aqui está ela, quem ousar que a toque. Mostrarei quem sou ao vaidoso que atravessar meu caminho para Pádua. Grúmio, desembainha a espada - estamos cercados de larápios! Se és um homem, protege tua senhora. Não tenha medo, meiga jovem, ninguém terá coragem de tocá-la. Eu te protegerei contra um milhão. (SAEM PETRÚQUIO, CATARINA E GRÚMIO.)

BATISTA

- He! É melhor deixar que parta esse casal tranqüilo.

GRÊMIO

- Se não partissem logo eu ia estourar de rir.

TRÂNIO

- Nunca vi casal mais doido.

LUCÊNCIO

- Senhorita, que opinião me dá de sua irmã?

BIANCA

- Como ela própria é louca, casou-se loucamente.

GRÊMIO

- Pois eu garanto que Petróquio está Catarinado.

BATISTA

- Vizinhos e amigos, embora os noivos estejam ausentes, não há, na festa, falta de doçura. Lucêncio, tome o lugar da irmã.

TRÂNIO

- A formosa Bianca vai ensaiar de noiva?

BATISTA

- Sim, Lucêncio. Por favor, cavalheiros. (SAEM)

QUARTO ATO

CENA 1

(CASA DE CAMPO DE PETRÚQUIO. ENTRA GRÚMIO.)

GRÚMIO

- Danem-se, danem-se todos os cavalos fatigados, todos os padrões malucos, todos os caminhos lamacentos! Existiu jamais um homem mais moído? Alguém já viu um homem mais emporcalhado? Mandam-me na frente pra que acenda o fogo e vêm vindo atrás pra se esquentarem. Ah, se eu não fosse um vaso bem pequeno, que esquenta depressa, meus lábios gelados se colariam nos dentes, a língua ao céu da boca, e o coração ao estômago, antes de encontrar um fogo pra me derreter. Mas agora, enquanto sopro o fogo, vou aquecendo o corpo; com esse tempo, mesmo um homem maior acabaria resfriado. Ó de casa! Olá! Curtis! (ENTRA CURTIS)

CURTIS

- Quem grita de maneira tão gelada?

GRÚMIO

- Um pedaço de gelo; se duvidas, podes deslizar de minha cabeça aos meus pés. Uma lareira, bom Curtis.

CURTIS

- Meu amo e a esposa vêm chegando?

GRÚMIO

- Oh, claro, Curtis, claro! Portanto, fogo, fogo! E não bota água na fervura.

CURTIS

- Ela é uma megera tão terrível quanto dizem?

GRÚMIO

- Era, amigo Curtis, antes da nevada! Mas você bem sabe que o inverno amansa o homem, a mulher e a fera; este amansou meu antigo patrão, minha nova patroa e a mim mesmo, camarada.

CURTIS

- E eu sei lá, não maluco? Eu não sou fera!

GRÚMIO

- E eu sou anão? Tens razão: sou bastante menor do que teus chifres. Mas vai acender essa lareira ou devo me queixar logo a patroa para que sintas o agradável calor da sua mão?

CURTIS

- Vamos lá, meu bom Grúmio, conta aí... como é que vai o mundo?

GRÚMIO

- Um mundo frio, Curtis, exceto para ti, no teu trabalho. Vamos, esquenta o mundo! Cumpre teu dever, que terás teu direito; o patrão e a patroa estão mortos de frio.

CURTIS

- Pronto, aí está o fogo. E agora, amigo Grúmio, as novidades?

GRÚMIO

- Tré-lé-lé, tré-lé-lé, tenho notícias a dar com o pé.

CURTIS

- Vamos - espirra logo!

GRÚMIO

- Não é difícil; pois peguei um resfriado imenso. Onde está o cozinheiro? O jantar está pronto, a casa arrumada, as esteiras postas, as aranhas mortas, os criados com os trajes novos, meia branca, e todos os demais em roupa de gala? Está tudo em ordem?

CURTIS

- Tudo pronto. E assim sendo - às notícias.

GRÚMIO

- Saiba primeiro que meu cavalo arrebentou: o patrão e a patroa foram ao chão.

CURTIS

- Como?

GRÚMIO

- Das selas foram parar na lama; aí toda uma história.

CURTIS

- Conta, Grúmio, conta.

GRÊMIO

- Apronta o ouvido.

CURTIS

- Sou todo ouvidos.

GRÚMIO

- Toma! (DÁ-LHE UM TAPA)

CURTIS

- Isto é sentir uma história, não ouvi-la.

GRÚMIO

- É justamente pra que você sinta melhor a história: dei-lhe o tapa para abrir-lhe as portas da audição. Agora começo: INPRIMIS, íamos descendo uma ladeira enlameada, o patrão na traseira da patroa...

CURTIS

- No mesmo cavalo?

GRÚMIO

- Que te importa isso?

CURTIS

- Mas ao cavalo...

GRÚMIO

- Então conta você a história. Não tivesse você me interrompido e eu lhe teria contado como o

cavalo caiu e ela embaixo dele; teria também sabido em que lamaçal nojento; como ela ficou enlameada; como ele nem ligou que o cavalo estivesse em cima dela; como ele me bateu culpando-me pela queda do animal; como ela se atolou no lamaçal para vir arrancar-me das mãos dele; como ele praguejava; como ela implorava, ela que nunca implorou nada; como eu chorava; como os cavalos fugiram; como se arrebentaram as rédeas do cavalo dela; como perdi o meu rebenque — e muitas outras coisas dignas de memória que, agora, cairão no esquecimento. É uma experiência a menos com que você baixará a sepultura.

CURTIS

- Pelo que ouço ele é mais feroz que ela.

GRÚMIO

- Ora! Você é o mais atrevido de todos vocês verão, assim que ele chegar. Mas por que falar disso? Chama Nataniel, José, Nicolau, Walter, “Torrão de Açúcar”, todo mundo. Que estejam bem penteados, a jaqueta azul bem escovada e com ligas de cores variadas. Que cumprimentem dobrando a perna esquerda e não ousem tocar num fio da cauda do cavalo de meu amo antes de beijarem a mão dos noivos. Estão todos prontos?

CURTIS

- Prontos.

GRÚMIO

- Chama-os então.

CURTIS

- Olá, estão ouvindo? Temos que ir ao encontro do patrão para apresentar nossos respeitos à patroa.

GRÚMIO

- Ela tem respeito próprio.

CURTIS

- E quem não sabe disso?

GRÚMIO

- Você, parece, pois reúne um grupo para lhe apresentar respeitos.

CURTIS

- Queremos demonstrar o quanto nos é cara.

GRÚMIO

- Mas - mas ela não vem aqui para saber quanto custa. (ENTRAM QUATRO OU CINCO CRIADOS)

NATANIEL

- Bem-vindo, Grúmio!

FILIPE

- Como vai, Grúmio?

JOSÉ

- Que é que há, Grúmio?

NICOLAU

- Grúmio, camarada!

NATANIEL

- Como é que é, meu velho?

GRÚMIO

- Bem-vindo, você! Como vai, você! Que é que há, você! Camarada, você - chega de cumprimentação! E então, afetados companheiros, está tudo pronto, tudo limpo?

NATANIEL

- Tudo pronto. A que distância se encontra o nosso amo?

GRÚMIO

- Mais perto do que pensa; saltando do cavalo. Portanto, não procure... pelo galo da Paixão, silêncio Ouço o Patrão ! (ENTRAM PETRÚQUIO E CATARINA)

PETRÚQUIO

- Onde está o canalha? Então, ninguém na porta para me segurar o estribo e pegar meu cavalo?

Onde estão Nataniel, Gregório, Filipe?

TODOS OS CRIADOS

- Aqui aqui, senhor, aqui, senhor.

PETRÚQUIO

- Aqui, senhor! Aqui, senhor! Aqui, senhor! Aqui, senhor! São todos insolentes e grosseiros! Ninguém me espera, ninguém presta atenções, não há obrigações? Onde está o canalha imbecil que enviei na frente?

GRÚMIO

- Aqui, senhor: tão imbecil quanto antes.

PETRÚQUIO

- Criado grosseirão e vagabundo! Seu filho de uma égua engalicada, eu não mandei que fosses me encontrar no parque e que levasses contigo esses patifes?

GRÚMIO

- O casaco de Nataniel não estava pronto, senhor, e os sapatos de Gabriel desprendiam-se dos saltos. Não havia com que pintar o chapéu de Pedro e a espada de Walter estava no armeiro. Só havia, bem trajados, Adio, Ralph e Gregório; os outros, esfarrapados, velhos, miseráveis. Contudo, como estavam aqui estão. Vieram recebê-lo.

PETRÚQUIO

- Anda, canalha! Tragam logo a ceia. (SAEM OS CRIADOS) (CANTA) Onde está a vida que levei um dia? Onde estão aqueles... Senta, Cata, senta, sê bem-vinda. Puf. Puf. Puf. (ENTRAM OS CRIADOS COM A CEIA) Como, quando, acabem com isso! Ah, bela Cata, um pouco mais alegre. Tirem minhas botas, patifes! Excomungados, vocês verão! (CANTA) Um frade de traje cinzento que fugia de um convento... Fora, desgraçado! Me arrancou o pé. (BATE) Toma! Vê se com esta aprendes a tirar a outra. Um sorriso, Cata. Tragam água aqui. Como, hã! Onde está meu perdigueiro Troilo? Vai correndo, velhaco, e traz aqui o primo Ferdinando. (SAI CRIADO) É uma pessoa que você deve beijar e cultivar, suave Cata. Onde estão meus chinelos? Não vão trazer a água? (ENTRA CRIADO COM ÁGUA) Vem, Cata, lava-te aí. És bem-vinda de todo coração. Ah, vilão, filho sem mãe. Deixas cair... (BATE-LHE)

CATARINA

- Paciência, eu lhe peço; foi sem querer.

PETRÚQUIO

- É um orelhudo, um cabeçudo, um filho de uma vaca! Vamos, Cata, senta. Deve estar com fome. Você dá graças a Deus ou eu o faço? Que coisa é esta: carneiro?

1º CRIADO

- Sim senhor.

PETRÚQUIO

- Quem o trouxe?

PEDRO

- Eu.

PETRÚQUIO

- Está queimado; e todo o resto também. Que cachorros! Onde o animal do cozinheiro? Como ousaram, canalhas, trazer isto da cozinha, e servir-me, esperando que eu gostasse? Vamos, levem tudo daqui, copos, pratos, tudo! (ATIRA TUDO SOBRE ELES) Negligentes, imundos, escravos sem maneiras! Como? Resmungam? Pois já nos encontramos. (SAEM OS CRIADOS)

CATARINA

- Marido, por favor, não fique tão raivoso. A carne estava boa; bastava que tivesses tolerância.

PETRÚQUIO

- Eu disse, Cata, estava queimada e ressequida e eu acho expressamente proibido de tocar comida assim, pois transmite o cólera e aumenta a ira. Portanto, acho melhor nós jejuarmos ambos, pois já temos, de natural, tamanha cólera que não convém alimentá-la mais com carne assada. Tem paciência, que amanhã tudo estará remediado. Esta noite, porém, jejuaremos juntos. Vem, quero levar-te a câmara matrimonial. (SAEM. VÃO ENTRANDO OS CRIADOS)

NATANIEL

- Pedro, você já tinha visto coisa parecida?

PEDRO

- Quer afogá-la com seu próprio molho. (ENTRA CURTIS)

GRÚMIO

- Onde está ele?

CURTIS

- No quarto dela, fazendo-lhe um sermão de abstinência; e injúria, e blasfema e ruge tanto que ela, a pobrezinha, não sabe onde ficar, aonde olhar, o que falar. Parece uma pessoa que acabou de despertar de um sonho. Vamos, vamos aí vem ele. (SAEM. ENTRA PETRÚQUIO)

PETRÚQUIO

- Assim, com muita astúcia, começo meu reinado e espero terminá-lo com sucesso. Meu falcão agora está faminto, de barriga vazia. E enquanto não ficar bem amestrado não mandarei matar a sua fome. Assim, aprenderá a obedecer ao dono. Outra maneira que tenho de amansar meu milhafre, de ensiná-lo a voltar e a conhecer meu chamado, é obrigá-lo à vigília como se faz com os falcões que bicam e batem as asas para não obedecer. Ela não comeu nada hoje, nem comerá. Não dormiu a noite passada, também não dormirá esta. Como fiz com a comida hei de encontrar também algum defeito na arrumação da cama. Atirarei pra cá o travesseiro, pra lá as almofadas, prum lado o cobertor, para outro os lençóis. Ah, e no meio de infernal balbúrdia não esquecerei de mostrar que faço tudo por cuidado e reverência a ela. Concluindo, porém, ficará acordada a noite inteira. E se, por acaso, cochilar, me ponho aos gritos e aos impropérios, com tal furor que a mantereí despertada. Assim se mata uma mulher com gentilezas. Assim eu dobrarei seu gênio áspero e raivoso. Se alguém conhece algum modo melhor para domar uma megera, tem a palavra. (SAI)

CENA II

(PÁDUA. DIANTE DA CASA DE BATISTA. ENTRAM TRÂNIO E HORTÊNSIO.)

TRÂNIO

- Será possível, meu amigo Lício, que Bianca ame a outro que não Lucêncio? Eu lhe garanto, senhor, que ela me tem tratado às maravilhas.

HORTÊNSIO

- Senhor, para o convencer do que narrei, basta ficar de lado e observar a maneira dele lecionar. (FICAM DE LADO. ENTRAM BIANCA E LUCÊNCIO.)

LUCÊNCIO

- Então, senhorita, aproveitou bem sua leitura?

BIANCA

- E o senhor, mestre, o que lê? Responda-me primeiro.

LUCÊNCIO

- Leio o que ensino: a arte de amar.

BIANCA

- E nessa, professor, é realmente um mestre!

LUCÊNCIO

- Oh, suave amada, nesse tipo de lição, só é mestre o coração.

HORTÊNSIO

- Vão depressa, sim senhor! Diga-me agora: continua a jurar que sua adoradinha não ama a mais ninguém como a Lucêncio?

TRÂNIO

- Oh, amargurante amor, eterna inconstância feminina! Eu te confesso, Lício, isso é espantoso!

HORTÊNSIO

- Basta de enganos! Eu não sou Lício, nem sou músico, como finjo ser. Sou apenas um homem envergonhado de usar este disfarce por uma mulher que deixa um cavalheiro e diviniza um biltre. Saiba, senhor, meu nome é Hortênsio.

TRÂNIO

- Signior Hortênsio, ouvi falar bastante de sua enorme afeição por essa moça. E como meus olhos foram testemunhas da ligeireza dela, me ponho a seu lado - se assim o permitir, para que abjuremos juntos esse amor para sempre.

HORTÊNSIO

- Veja como se beijam e acariciam! Signior Lucêncio, eis aqui minha mão, e aqui o firme juramento de jamais voltar a cortejá-la; pelo contrário, desprezá-la por ser indigna de qualquer dos favores com que apaixonadamente eu a lisonjeava.

TRÂNIO

- E eu também, solenemente, me comprometo a não casar com ela, mesmo que me suplique desvairada. Basta com ela! Veja a maneira animal como o acaricia!

HORTÊNSIO

- Gostaria que o mundo inteiro, menos ele, a abandonasse! Quanto a mim, para melhor cumprir meu juramento, me casarei nos próximos três dias com uma viúva, que me ama tanto quanto amei essa mulher ruim e presunçosa. Adeus, Signior Lucêncio. À bondade das mulheres, e não à bela aparência, entregarei agora o meu amor. Parto decidido a cumprir meu juramento. (SAI HORTÊNSIO. AVANÇAM LUCÊNCIO E BIANCA.)

TRÂNIO

- Senhorita Bianca, abençoada seja pela graça que cobre os amantes venturosos. Ah, peguei-te num momento de descuido, amor gentil; renunciemos a seu amor, eu e Hortênsio.

BIANCA

- Está brincando Trânio? Isso é verdade?

TRÂNIO

- Verdade, senhorita.

LUCÊNCIO

- Então, estamos livres de Lício.

TRÂNIO

- Eu o garanto. Arranjou uma viúva generosa, com quem pensa noivar e se casar num dia.

BIANCA

- Deus lhe dê alegria.

TRÂNIO

- Sim, mas terá de domá-la.

BIANCA

- É o que ele pensa, Trânio.

TRÂNIO

- É o que pretende, Pois entrou para a escola de domagem.

BIANCA

- Escola de domagem! Existe tal lugar?

TRÂNIO

- Sim, senhor, e Petróquio é o professor que ensina truquesmil, com que deixar um megera muda e enfeitar a fera linguaruda. (ENTRA BIONDELLO)

BIONDELLO

- Oh, patrão, patrão, vigiei tanto tempo! Estou cansado como um cão. Mas afinal descobri um anjo velho que vem descendo o morro. Acho que serve.

TRÂNIO

- Quem é ele?

BIONDELLO

- Patrão, parece um mercador, talvez um professor, não sei; as roupas são discretas e no jeito e na cara é um verdadeiro pai.

LUCÊNCIO

- E agora, Trânio?

TRÂNIO

- Se acreditar na minha história ficará contente em poder passar como Vincêncio, e, como tal, oferecer a Batista as garantias que este exige. Vá com sua namorada. Deixe-me sozinho. (SAEM LUCÊNCIO E BIANCA. ENTRA O PROFESSOR.)

PROFESSOR

- Deus o guarde, senhor!

TRÂNIO

- E ao senhor também. Seja bem-vindo. Anda para mais longe ou já chegou ao extremo da viagem?

PROFESSOR

- Vou me deter aqui uma semana ou duas e continuo então na direção de Roma. Pretendo ir até Trípoli, Deus me empreste vida.

TRÂNIO

- E, por favor, qual é a sua cidade?

PROFESSOR

- Eu sou de Mântua.

TRÂNIO

- Mântua, senhor? Deus não o permita! E vem assim a Pádua, arriscando a vida?

PROFESSOR

- A vida? Explique como, senhor! Isso me assusta!

TRÂNIO

- Qualquer cidadão de Mântua achado aqui está sob pena de morte. Quer saber a causa? Os navios de Mântua foram apreendidos em Veneza e o duque — por uma questão pessoal com o Duque de Mântua, fez publicar e proclamar tal decisão em toda parte. É de admirar - não fosse estar chegando agora mesmo - que ainda não tenha ouvido alguém falando nisso.

PROFESSOR

- Ai, senhor, para mim é ainda pior do que parece, pois trago letras de câmbio de Florença que deveria descontar aqui.

TRÂNIO

- Bem, amigo, para lhe ser gentil eu o ajudo. Diga-me antes, porém; já esteve em Pisa alguma vez?

PROFESSOR

- Sim, senhor, já. Estive em Pisa muitas vezes. Pisa é famosa pela seriedade dos seus cidadãos.

TRÂNIO

- Entre eles por acaso conhece .um tal Vincêncio?

PROFESSOR

- Não conheci, mas ouvi falar nessa pessoa; um mercador com um fortuna incalculável.

TRÂNIO

- Pois é meu pai. E pode crer que, de rosto, pelo menos, se parece bastante com o senhor.

BIONDELLO (À PARTE)

- Como uma ostra e um cavalo manco.

TRÂNIO

- Para salvar-lhe a vida neste apuro, lhe darei proteção, por amor de meu pai. Já vê assim que não é pequena a sorte de parecer-se tanto com Vincêncio. Dele lhe emprestarei o nome e o crédito. E terá. amistosa acolhida em minha casa. É só cuidar para que os outros não sujeitem — sei que me compreende. Assim poderá demorar nesta cidade até resolver os seus negócios. Se vale a cortesia, senhor, queira aceitá-la.

PROFESSOR

- Claro que aceito, amigos E para sempre passo a considera-lo o protetor de minha vida e liberdade.

TRÂNIO

- Então, venha comigo, a fim de preparar o necessário. Mas, ah, devo avisá-lo de que meu pai é esperado aqui a todo instante para garantir o dote de meu casamento com a filha de um certo Batista. Depois lhe explicarei isso em detalhe. Venha comigo, senhor, para se vestir como convém. (SAEM)

CENA III

(UM QUARTO EM CASA DE PETRÚQUIO. ENTRAM CATARINA E GRÚMIO.)

GRÚMIO

- Não, não me atrevo. Por minha vida, não!

CATARINA

- Quanto pior me trata mais se irrita. Parece que se casou comigo pra me matar de fome. Mendigos que batem à porta de meu pai recebem sempre esmola; e quando não, logo a diante encontram caridade. Eu, porém, que nunca implorei nada em minha vida, nem a implorar me vi forçada nunca, estou aqui faminta e tonta de sono. As pragas dele conservam-me acordada e com seus gritos me crê alimentada. E o que me irrita mais do que isso tudo é que ele o faz em nome de um amor perfeito. Como se o alimento ou o sono pudessem me causar mortal doença ou mesmo a própria morte.

CATARINA

- Por favor, traga-me alguma coisa de comer, não importa o quê, estando em bom estado.

GRÚMIO

- Gostaria de um pernil e vitela?

CATARINA

- É mais do que eu desejo. Me traga, por favor.

GRÚMIO

- Receio que transmita o cólera. Que tal uma bela tripa, ricamente assada?

CATARINA

- Acho excelente Bom Grúmio, traz depressa!

GRÚMIO

- Não, não; receio que tenha o cólera também. Que diria de uma fatia de carne com mostarda?

CATARINA

- É um prato que adoro.

GRÚMIO

- É. Mas a mostarda é um pouquinho quente demais.

CATARINA

- Então me traz a carne e esquece essa mostarda.

GRÚMIO

- Não, isso eu não faço; se não comer a mostarda, Grúmio não lhe dará a fatia de carne.

CATARINA

- Então traz ambos, um dos dois, qualquer um, qualquer coisa.

GRÚMIO

- Nesse caso, então, a mostarda sem a carne.

CATARINA

- Sai! Desaparece daqui, escravo falso e traidor (BATE NELE) que pensa me alimentar com apenas o nome das comidas. Que sejas tu maldito e toda a tua malta que assim se vangloria de me ver sofrendo. Sai, some, eu já disse! (ENTRAM PETRÚQUIO E HORTÊNSIO, TRAZENDO CARNE)

PETRÚQUIO

- Como vai, minha Cata? Oh, doçura, está abatida.

HORTÊNSIO

- Como se sente senhora?

CATARINA

- É impossível me sentir mais fria.

PETRÚQUIO

- Alegria, Cata, olha sorrindo para mim. Vê, amor, aqui está a prova da minha atenção para contigo. Eu mesmo preparei a carne, eu mesmo trouxe. Estou certo, querida, que essa bondade merece um elogio. Como? Não me diz nada? Ah, será então que não gosta desse prato. Não valeu o meu esforço todo. Você aí, leva esse prato!

CATARINA

- Eu lhe peço que o deixe.

PETRÚQUIO

- O mais humilde trabalho merece um obrigado. Aqui espero o meu, antes que você toque a carne.

CATARINA

- Muito obrigado, senhor.

HORTÊNSIO

- Que vergonha, Signior Petróquio. Fora! Venha, senhora Catarina, eu lhe farei companhia.

PETRÚQUIO (À PARTE, A HORTÊNSIO)

- Devora tudo, Hortênsio, se me tens estima. (A CATARINA) Que isso traga calor a teu bom coração. Come tranqüila, Cata. E agora, doce amada_ voltaremos à casa de teu pai para fazê-la estourar na maior alegria, com teus mantos de seda, chapéus, anéis de ouro, punho, golas, espartilhos, coisas. Com estolas, leques, braceletes de âmbar, pedrarias, uma magnificência duplicata. Como, já acabou? O alfaiate está aí fora a teu dispor para cobrir teu corpo com seu tesouro de futilidades. (ENTRA ALFAIATE) Vem, alfaiate. Vejamos essas bugigangas. Estende aí esse vestido. (ENTRA MASCATE) Que novidades traz o cavalheiro?

MASCATE

- Este chapéu que V. Senhoria encomendou.

PETRÚQUIO

- Isso? Foi inspirado numa frigideira? É uma bela terrina de veludo. Ora! Ora! É indecente e feio. É um caramujo, uma casca de noz, um gorro de criança, uma brincadeira de mau-gosto, uma bobagem. Bota isso fora. Mostra-me um maior.

CATARINA

- Eu não quero um maior A moda e essa! É o que usam as mulheres de gosto delicado.

PETRÚQUIO

- Então ganharás um - quando tu fores delicada.

HORTÊNSIO (À PARTE)

- Penso que não vai ser tão cedo.

CATARINA

- Bem, cavalheiro, acho que tenho o direito de falar - e vou falar. Não sou criança, não sou bebezinho; gente melhor do que o senhor tem me dado atenção quando digo o que penso. Se não quiser ouvir, tape os ouvidos. Minha língua vai expressar o ódio do meu peito porque, se me contendo um pouco mais, meu coração estoura. E para evitar isso usarei das palavras com liberdade extrema, como tanto me agrada.

PETRÚQUIO

- Mas claro! Tu tens toda razão; é um capuz horroroso, uma fêmea de bolo, uma torta de seda. Amo-te mais ainda por não gostares disso.

CATARINA

- Ame ou não me ame, pouco importa - eu gosto do chapéu. E eu fico com esse ou fico sem nenhum.

PETRÚQUIO

- O teu vestido? Ah, sim, chega aqui, alfaiate, e mostra a roupa. Deus da misericórdia, que fantasia é essa? E isto aqui? Uma manga? Parece mais a boca de um canhão. E isto, que vem de cima a baixo, bordado como um bolo de noivado? E aqui este buraco, este babado, esse corte, esta abertura e esse pano todo furadinho como braseiro de barbearia? O que e como, em nome do demônio, você chama isso?

HORTÊNSIO (À PARTE)

- Pelo que vejo o chapéu vai combinar com a roupa: ela não ganhará nem um nem outro.

ALFAIATE

- A ordem que o senhor me deu foi de cortá-lo de acordo com o tempo e a moda.

PETRÚQUIO

- Hum, é certo; mas se estás bem lembrado não mandei que estragasses a fazenda só porque é moda. Vai, volta para onde vieste e trata de soltar os obstáculos do caminho, antes que eu te obrigue

a isso. Não quero nada disso, fora!

CATARINA

- Nunca vi um vestido mais bem feito, mais belo, agradável e elegante. Tenho a impressão de que deseja me transformar numa boneca.

PETRÚQUIO

- É isso! Ele deseja te transformar numa boneca.

ALFAIATE

- Ela diz que V. Senhora, é que deseja a transformar numa boneca.

PETRÚQUIO

- Oh, arrogância monstruosa! Tu, mentira, tu dedal, tu novelo, tu jarda, meia jarda, polegada, zero! Tu pulga, tu piolho, tu grilo de inverno, tu! Desafiado em minha própria casa por um carretel de linha! Some, trapo, quantidade ínfima, resto! Ou queres ser medido com tua própria régua a fim de não esquecer jamais esta velhacaria? Te repito: foste tu que estragaste a roupa dela.

ALFAIATE

- V. Senhora se engana; o traje foi feito exatamente como ordenou o patrão. Grúmio foi quem me encomendou como fazê-lo.

GRÚMIO

- Eu não encomendei; entreguei o pano.

ALFAIATE

- Mas disse então como devíamos fazê-lo?

GRÚMIO

- Sim, claro, com agulha e linha.

ALFAIATE

- Mas não mandou cortá-lo?

GRÚMIO

- Já tomaste a medida a muita gente?

ALFAIATE

- Já.

GRÚMIO

- Pois a minha medida ninguém toma. Já provaste também muitos fregueses, mas a mim ninguém prova. Não quero ser medido nem provado. Te digo na cara; ordenei a teu patrão que cortasse a fazenda, mas não em mil pedaços; ergo, mentes.

ALFAIATE

- Bem, como prova de que eu disse, aqui está a nota da encomenda.

PETRÚQUIO

- Lê.

ALFAIATE (Lê)

- Imprimis, um vestido folgado...

GRÚMIO

- Patrão, se eu jamais falei um vestido folgado, quero que me cosam dentro dele e me espanquem até a morte com uma trança de fibra bem dura. Eu disse: “um vestido”.

PETRÚQUIO

- Segue.

ALFAIATE (Lê)

- Com um grande decote arredondado.

GRÚMIO

- O decote eu confesso.

ALFAIATE (Lê)

- Uma manga comprida...

GRÚMIO

- Eu ordenei duas mangas.

ALFAIATE (Lê)

- As mangas artisticamente recortadas.

PETRÚQUIO

- Eis aí a safadeza.

GRÚMIO

- Há um erro na carta, senhor; erro na carta. Eu ordenei que recortassem as mangas, e depois cosessem-nas de novo. E vou te provar isso, mesmo que me ataques armado de dedal.

ALFAIATE

- O que eu disse é verdade; e se te pego num lugar a jeito tu vais concordar.

GRÚMIO

- Estou às suas ordens.

PETRÚQUIO

- Em resumo, senhor, o vestido não me serve.

GRÚMIO

- Mas, evidente, patrão; por que não o experimenta na senhora?

PETRÚQUIO

- Leva o vestido e diz a teu patrão que o use como achar melhor.

GRÚMIO

- Não faz isso, patife, se tens amor à vida; levar o vestido de minha patroa para ser usado pelo teu patrão! Fora! Fora!

PETRÚQUIO

- Como? O que quer dizer com essas palavras?

GRÚMIO

- Oh, senhor, o conceito é mais profundo que supõe. Levar o vestido de minha patroa para ser usado pelo patrão dele! Ora! Ora! Ora!

PETRÚQUIO (À PARTE, PARA HORTÊNSIO)

- Hortênsio, providencia para que o alfaiate seja pago. (AO ALFAIATE) Retira-te; some daqui, não diz mais nada.

HORTÊNSIO

- Alfaiate, pagarei amanhã, o teu vestido. Não leva a mal essas palavras irritadas. Vai. E recomenda-me a teu amo. (SAEM O ALFAIATE E O MASCATE)

PETRÚQUIO

- Bem, partamos Cata. Iremos visitar teu pai, vestidos assim mesmo, nestes trajes modestos mas honestos; nossas bolsas são fartas, nossos vestidos, simples. Pois é a mente que faz o corpo rico. E assim como, através das nuvens mais espessas, o sol irrompe, assim a honra brilha nas vestes mais humildes. Será o pavão mais precioso do que a cotovia por ter penas mais belas? Ou a serpente melhor do que a inguia porque sua pele colorida alegra o nosso lar? Ah, não Cata querida: nem tu ficas pior por te faltar um séquito e usar roupa modesta. Porém, se te envergonhares, põe a culpa em mim. E agora, alegra-te; partimos logo para festejarmos e divertir-nos em casa do teu pai. Chama os criados, que saímos logo. Levem os cavalos ao fim da estrada principal. Montaremos ali. Até ali andaremos a pé. Vejamos: são mais ou menos sete horas. Chegaremos com calma a hora do jantar.

CATARINA

- Tenho a ousadia de corrigir a hora, senhor; são quase duas. Quando chegarmos lá nem mesmo a ceia pegaremos.

PETRÚQUIO

- Antes que eu monte a cavalo, serão sete horas. Olha, em tudo que eu falo, ou faço, ou penso fazer, você acha maneira de me contrariar. Podem deixar, senhores. Já não vamos mais hoje. Mas no momento em que partimos será a hora que eu disser que for.

HORTÊNSIO

- O quê, senhor! Até no sol esse elegante manda! (SAEM)

CENA IV

(PÁDUA. DIANTE DA CASA DE BATISTA. ENTRAM TRÂNIO E O PROFESSOR, VESTIDOS DA MESMA MANEIRA.)

TRÂNIO

- É esta a casa, senhor. Posso chamar?

PROFESSOR

- E que outra coisa? Mas tenho receio de que o senhor Batista se recorde de mim, pois moramos juntos na Hospedaria Pégaso, em Gênova, vinte anos atrás.

TRÂNIO

- Vamos ver. De qualquer maneira, porém, procure comportar-se com a austeridade que se espera de um pai.

PROFESSOR

- Fique tranqüilo. Mas, cuidado, aí vem o seu pajem. Acho bom preveni-lo. (ENTRA BIONDELLO)

TRÂNIO

- Não se preocupe com ele. Biondello, rapaz, cuidado com teu comportamento, eu te aviso! Consegues ver aqui o verdadeiro Vincêncio?

BIONDELLO

- Ora, não tenha receio.

TRÂNIO

- Deste o recado a Batista?

BIONDELLO

- Contei-lhe que o senhor seu pai estava em Veneza e que hoje era esperado aqui em Pádua,

TRÂNIO

- Eis um rapaz sabido! Pega lá; para tomar um trago. Mas aí vem Batista. Cara séria, amigo! (ENTRAM BATISTA E LUCÊNCIO) Senhor Batista, que feliz encontro (AO PROFESSOR) Senhor, é este o cavalheiro de quem lhe falava. Rogo-lhe agora que seja um pai bondoso e me ofereça os meios de obter Bianca.

PROFESSOR

- Calma, filho. Senhor, se me permite: tendo vindo a Pádua para cobrar algumas dívidas, meu filho, Lucêncio, pôs-me a par da grande causa: o amor que o une a sua filha. Dada as boas referências que tenho a seu respeito, e considerando o amor que os dois proclamam, para não deixá-lo esperar por muito tempo, eu, como bom pai, aprovo o matrimônio. E se o senhor não encontra obstáculo maior, aqui estou ao seu dispor para o que desejar. Quanto ao senhor, Signior Batista, nada posso exigir — de si só tenho ouvido o bem.

BATISTA

- Senhor, perdoe-me o que vou dizer; muito me agrada sua simplicidade e concisão. É verdade, seu filho Lucêncio, aqui presente, diz amar minha filha e ela o ama também, ou estão ambos fingindo muito bem. Basta pois o senhor prometer que o trará como um verdadeiro pai, garantindo o adequado dote à minha filha, que tudo é feito e o casamento é um fato. Eu dou consentimento.

TRÂNIO

- Eu lhe agradeço, senhor. Onde, então, prefere que seja realizado o enlace e se contratem os detalhes para que ambos os lados fiquem satisfeitos?

BATISTA

- Não em minha casa, Lucêncio, pois como você sabe, as paredes têm ouvidos e a casa está cheia de criados. Além disso o velho Grêmio continua à espreita e pode nos interromper a todo instante.

TRÂNIO

- Então, na minha casa, se for de seu agrado. É onde mora meu pai. Ali, à noite, poderemos tratar de nosso assunto com segredo e calma. Mande avisar Bianca pelo seu criado, que eu mandarei meu pajem chamar o escrivão. Só há um contratempo: dada a pressa do encontro vão ter uma comida pobre e sem fartura.

BATISTA

- Aceito com prazer. Biondello, corre em casa e diz a Bianca que se apronte depressa. Se necessário conte o que aconteceu; o pai de Lucêncio está em Pádua e parece que ela vai ser a esposa de Lucêncio.

BIONDELLO

- É o que suplico ao céu, de todo coração.

TRÂNIO

- Deixa o céu em paz e mete o pé na estrada. (SAI BIONDELLO) Signior Batista, quer acompanhar-me? Bem-vindo! Embora o banquete seja só um prato, venha, por favor; em Pisa farei tudo melhor.

BATISTA

- Eu o sigo. (SAEM TRÂNIO, PROFESSOR, BATISTA. ENTRA BIONDELLO.)

BIONDELLO

- Câmbio...

LUCÊNCIO

- Que me dizes, Biondello?

BIONDELLO

- Percebeu quando meu amo sorriu e lhe piscou o olho?

LUCÊNCIO

- Qual foi a intenção dele?

BIONDELLO

- Nada, dou minha palavra. Deixou-me aqui exatamente para que explique o sentido ou a moral de seus sinais e gestos.

LUCÊNCIO

- Pois moraliza logo!

BIONDELLO

- Lá vai! Batista está seguro, conversando com o pai falsificado e o filho falsificado.

LUCÊNCIO

- E daí?

BIONDELLO

- O senhor deverá conduzir a filha dele para a ceia.

LUCÊNCIO

- E depois?

BIONDELLO

- O velho padre da igreja de São Lucas estará noite e dia a seu dispor.

LUCÊNCIO

- E disso tudo?

BIONDELLO

- Nada nosso dizer, a não ser aconselhá-lo, enquanto eles redigem um contrato falso, a tomar posse dela verdadeiramente. *Cum privilegio ad imprimendum solum*. À igreja! Pegue o padre, o sacristão e algumas testemunhas de certa honestidade. Se não é isso o que queria, só resta lhe dizer que se despeça de Bianca para sempre e um dia... (VAI SAINDO)

LUCÊNCIO

- Biondello, estás me ouvindo?

BIONDELLO

- Não nosso demorar: conheci uma jovem que se casou numa tarde quando foi à horta buscar salsa para rechear um coelho. O senhor pode fazer o mesmo. E assim sendo, adeus. Meu amo mandou que eu vá a São Lucas avisar o padre para que esteja pronto quando o senhor chegar com seu apêndice. (SAI)

LUCÊNCIO

- O que posso fazer, farei, se ela quiser. E vai querer. Por que duvidar disso? Aconteça o que acontecer vou agarrá-la agora.

CENA V

(UMA ESTRADA. ENTRAM PETRÚQUIO, CATARINA E HORTÊNSIO.)

PETRÚQUIO

- Para a frente, em nome de Deus. Voltamos À casa de teu pai. Oh, céu bondoso, como é terna e brilhante a luz da lua!

CATARINA

- Lua?! O sol! Não há luar agora.

PETRÚQUIO

- Brilhando assim só pode ser a lua.

CATARINA

- Brilhando assim só pode ser o sol.

PETRÚQUIO

- Pois eu juro, pelo filho de minha mãe, ou seja, por mim mesmo, que é a lua, ou uma estrela ou o que eu bem disser - se pretendes chegar à casa de teu pai. Alguém aí recolha novamente todos os cavalos. Sempre a mesma teimosia e teimosia: nada mais que teimosia!

HORTÊNSIO (À PARTE, A CATARINA)

- Concorde com ele ou nunca chegaremos.

CATARINA

- Continuemos, por favor, já que chegamos tão longe. E seja lua, ou sol, ou o que mais te agradar. E se te agrada dizer que é lamparina, lamparina será, daqui em diante.

PETRÚQUIO

- Eu digo que é a lua.

CATARINA

- Eu sei que é a lua.

PETRÚQUIO

- Não é, então sua mentirosa! É o sol bendito!

CATARINA

- Bendito seja Deus então. É o sol bendito. Mas já não é mais o sol, se dizes que não é. E a lua muda com teu pensar. O nome que lhe deres isso ela será e o parecerá também a Catarina.

HORTÊNSIO (À PARTE)

- Vai em frente, Petróquio; tens vencida a batalha.

PETRÚQUIO

- Bem, para a frente, para a frente! Assim deve correr a bola evitando bater nos obstáculos. Mas, atenção! Quem vem chegando? (ENTRA VINCÊNCIO. A VINCÊNCIO) Bom dia, gentil donzela. Onde é que estamos? Diga-me, querida Catarina, e fala com franqueza, já viste por acaso uma jovem com frescor semelhante? Há em seu rosto uma guerra de branco e de vermelho. Jamais estrelas conseguiram emprestar ao céu tanta beleza quanto esses dois olhos sobre essa face angelical. Esplêndida, adorável donzela. Mais uma vez, bom dia. Cata, querida, abraça-a em louvor de sua formosura.

HORTÊNSIO (À PARTE)

- O homem vai ficar furioso transformado em mulher!

CATARINA

- Bela virgem em botão, suave e fresca, aonde vais? Onde resides? Felizes pais de tão formosa filha; e mais feliz o homem a quem boas estrelas destinarem companheira de leito tão bonita.

PETRÚQUIO

- Que é isso, Cata! Espero que não tenha enlouquecido! Isso é um homem, velho, enrugado, murcho e ressecado e não uma virgem em botão, como tu dizes.

CATARINA

- Perdoa-me, velho pai, o erro de meus olhos. Estão tão ofuscados pela luz do sol que tudo que vejo me parece ver de. Percebo agora que és um venerando ancião. Peço-te perdão de novo, por meu louco engano.

PETRÚQUIO

- Perdoa-me, venerável patriarca, e faz-nos saber qual o teu caminho. Sendo o mesmo que o nosso gozaremos o prazer de tua companhia.

VINCÊNCIO

- Simpático senhor e alegre senhora, cujo estranho encontro tanto me espantou. Os que me conhecem chamam-me Vincêncio; sou natural de Pisa; minha direção é Pádua, onde pretendo visitar um filho que não vejo há muito.

PETRÚQUIO

- O nome dele?

VINCÊNCIO

- Lucêncio, amável cavalheiro.

PETRÚQUIO

- É um encontro feliz; e mais feliz ainda pra teu filho. E agora, por lei, e também por tua aparência venerável, passo a chamar-te querido pai. A irmã de minha esposa, a dama aqui presente, acaba de casar-se com teu filho. Não se espante ou entristeça pois tem bom conceito, traz dote precioso e é muito bem nascida. Em tudo, assim, qualificada para ser esposa digna do mais nobre fidalgo. Deixe que o abraçe, venerável Vincêncio. E prossigamos juntos para encontrar teu honrado filho, que te receberá com máxima alegria.

VINCÊNCIO

- Será verdade isso ou é desses viajantes brincalhões que gostam de zombar das pessoas que encontram?

HORTÊNSIO

- Dou minha palavra, pai, é a verdade.

PETRÚQUIO

- Vem, vem conosco e verá a verdade por si próprio. Nossa brincadeira anterior deixou-o, é natural, desconfiado. (SAEM PETRÚQUIO, CATARINA E VINCÊNCIO)

HORTÊNSIO

- Bem, Petróquio, acabas de me dar coragem. Vou buscar a viúva. Se ela for irritável, Hortênsio já aprendeu contigo a ser indomável.

QUINTO ATO

CENA 1

(PÁDUA. DIANTE DA CASA DE LUCÊNCIO. ENTRAM BIONDELLO, LUCÊNCIO E BIANCA. GRÊMIO ESTÁ DO LADO DE FORA.)

BIONDELLO

- Prudência e rapidez, senhor; o padre já está pronto.

LUCÊNCIO

- Estou voando, Biondello; mas pode acontecer que eles te chamem em casa. Vai embora.

BIONDELLO

- Não, por minha fé, quero ver primeiro esse negócio de igreja resolvido; depois voltarei para meu amo o mais depressa que puder. (SAEM LUCÊNCIO, BIANCA E BIONDELLO.)

GRÊMIO

- É estranho; Câmbio ainda não veio. (ENTRAM PETRÚQUIO, CATARINA, VINCÊNCIO, GRÚMIO E CRIADOS)

PETRÚQUIO

- Senhor, é esta a porta; é aqui a casa de Lucêncio; a de meu pai fica mais perto do mercado. Devo ir até lá, por isso me despeço.

VINCÊNCIO

- Não antes de beber alguma coisa. Não antes que eu lhe ofereça aqui minhas boas-vindas. Mas, a julgar aparências, parece que estão se divertindo aí. (BATE)

GRÊMIO

- Estão muito ocupados; bata mais forte! (O PROFESSOR OLHA PELA JANELA)

PROFESSOR

- Quem é que esta querendo derrubar a porta?

VINCÊNCIO

- O senhor Lucêncio está em casa, amigo?

PROFESSOR

- Está em casa, mas não pode atender.

VINCÊNCIO

- Mesmo que seja para receber cem ou duzentas libras com que alegrar a festa?

PROFESSOR

- Pode guardar suas libras; enquanto eu for vivo, não vai precisar delas.

PETRÚQUIO

- Ah, eu não lhe disse que seu filho era muito estimado aqui em Pádua? O senhor está me ouvindo? Pondo de lado essas frivolidades, faça o favor de avisar o Signior Lucêncio de que o pai acaba de chegar de Pisa e quer falar com ele aqui na porta.

PROFESSOR

- Mentira sua: o pai de Lucêncio já chegou de Pisa há muito tempo e está olhando vocês desta janela.

VINCÊNCIO

- O senhor é o pai dele?

PROFESSOR

- Sim, senhor. Pelo menos é o que diz minha mulher.

PETRÚQUIO (PARA VINCÊNCIO)

- Ora, ora, com que então, meu cavalheiro! Sabe o nobre senhor, que é da mais pura velhacaria assumir o nome de outra pessoa?

PROFESSOR

- Segurem esse canalha; na certa faz-se passar por mim para enganar alguém nesta cidade. (ENTRA BIONDELLO)

BIONDELLO

- Acabo de deixá-los juntos na igreja; que Deus os faça navegar em paz! Mas, quem está aí? Vincêncio, o meu velho amo! Estamos perdidos, já não somos nada.

VINCÊNCIO

- Chega aqui, ó cara de defunto.

BIONDELLO

- Posso ir e posso não ir, senhor.

VINCÊNCIO

- Chega aqui, patife. Já esqueceu quem eu sou?

BIONDELLO

- Esquecê-lo, senhor? Como poderia esquecê-lo? Jamais vi sua cara em toda a minha vida

VINCÊNCIO

- Como, refinado patife? Nunca viste Vincêncio, o pai de teu patrão?

BIONDELLO

- Fala do velho amo, do venerado velho? Como não, senhor; ei-lo ali, olhando da janela.

VINCÊNCIO

- Ah, é assim? (BATE EM BIONDELLO)

BIONDELLO

- Socorro! Socorro! Esse louco quer me assassinar. (SAI)

PROFESSOR

- Socorro, meu filho! Socorro, Signior Batista!

PETRÚQUIO

- Vem Cata, por favor, vamos ficar de lado e ver onde vai dar toda essa encrenca. (RETIRAM-SE. ENTRAM O PROFESSOR, BATISTA, TRÂNIO E CRIADOS)

TRÂNIO

- Quem é o senhor, que tem a audácia de bater em meu criado?

VINCÊNCIO

- Quem sou eu, senhor? Antes — quem é o senhor, senhor? Oh, deuses imortais. Oh, canalha bem vestido! Um casaco de seda! Os calções de veludo! O manto purpurino! E o chapéu de pontal Oh, estou arruinado! Estou arruinado! Enquanto em casa levo uma vida de economias, meu filho e meu criado esbanjam tudo na Universidade.

TRÂNIO

- Como? Como? De que se trata?

BATISTA

- Ele é maluco?

TRÂNIO

- Senhor, pelas roupas que traja dir-se-ia que é um cavalheiro respeitável; mas suas palavras mostram que é um louco. Se uso ouro e pérolas, que tem o senhor a ver com isso? Agradeço a meu bom pai, poder vestir-me assim.

VINCÊNCIO

- Teu pai, vilão! Um costureiro de velas em Bérghamo, teu pai!

BATISTA

- Engano seu, senhor, engano seu. Me diga o nome dele, por favor.

VINCÊNCIO

- O nome dele! Como se eu não soubesse o nome dele! Criei-o desde a idade de três anos. É Trânio, o nome dele!

PROFESSOR

- Fora, fora daqui, asno maluco! Ele se chama Lucêncio e é meu filho, único herdeiro de todas minhas terras: Signior Vincêncio.

VINCÊNCIO

- Lucêncio! Oh, terá assassinado o amo! Prendam-no em nome do duque, eu os intimo. Ó, meu filho, meu filho! Diz-me canalha, onde é que está meu filho?

TRÂNIO

- Chamem a guarda! (ENTRA CRIADO, TRAZENDO UM GUARDA) Ponha esse maluco na prisão. Senhor Batista, peço-lhe que providencie o julgamento.

VINCÊNCIO

- Eu ir para a prisão?

GRÊMIO

- Um momento, guarda: não o leve!

BATISTA

- Não se meta, Signior Grêmio; ele está preso.

GRÊMIO

- Signior Batista, tome cuidado para não ser enganado nesse negócio. Atrevo-me a jurar que esse é o verdadeiro Vincêncio.

PROFESSOR

- Pois jure, se se atreve.

GRÊMIO

- Acho que não me atrevo.

TRÂNIO

- Talvez seja melhor você dizer que eu não sou Lucêncio.

GRÊMIO

- Sim, eu sei que és Lucêncio.

BATISTA

- Levem esse velho tonto! Para a prisão com ele!

VINCÊNCIO

- Assim se trata e maltrata os forasteiros - oh, monstruosa infâmia! (ENTRA BIONDELLO, COM

LUCÊNIO E BIANCA.)

BIONDELLO

- Oh, estamos perdidos, aí vem ele, temos que negá-lo, não reconhecê-lo, ou estamos desgraçados.

LUCÊNIO

- Perdão, querido pai. (AJOELHA-SE)

VINCÊNCIO

- Está vivo o meu amado filho. (SAEM BIONDELLO, TRÂNIO E O PROFESSOR, TÃO DEPRESSA QUANTO POSSÍVEL.)

BIANCA

- Meu pai querido, perdão. Quê Lucêncio?

LUCÊNIO

- Aqui está Lucêncio, o verdadeiro filho do Vincêncio verdadeiro. Foi assim que me casei com tua filha e a fiz minha, enquanto personagens falsos mistificavam teus olhos.

GRÊMIO

- Uma fraude em que fomos enganados!

VINCÊNCIO

- Mas onde esse maldito Trânio, que teve a insolência de enfrentar-me e de insultar-me?

BATISTA

- Digam-me, por favor, agora: este não é o meu criado Câmbio?

BIANCA

- Câmbio se transformou em Lucêncio.

LUCÊNIO

- Foi o amor que realizou esses milagres. O amor de Bianca fez com que eu tomasse a posição de Trânio, enquanto ele se comportava como eu pela cidade. E feliz, chego, assim, afinal, ao almejado porto das delícias. O que Trânio fez foi a meu mandado e pois, amado pai, eu peço que o perdoe, pelo bem que me quer.

VINCÊNCIO

- Arrancarei o nariz desse canalha cuja intenção era meter-me na enxovia.

BATISTA (A LUCÊNCIO)

- Mas como, então, senhor, casa com minha filha sem meu consentimento?

VINCÊNCIO

- Nada receies, Batista; faremos tudo para que fiques satisfeito, vamos. E agora eu entro para vingar-me de uma vilania. (SAI)

BATISTA

- E eu, para sondar mais fundo esta velhacaria. (SAI)

LUCÊNIO

- Não empalideça, trêmula Bianca; teu pai não vai ficar zangado. (SAEM LUCÊNCIO E BIANCA)

GRÊMIO

- Meu bolo está solado, mas entrarei junto com os outros. Perdi toda esperança, não vou perder o meu lugar na festa. (SAI. PETRÚQUIO E CATARINA AVANÇAM)

CATARINA

- Esposo, vamos segui-los e ver onde termina esse barulho todo.

PETRÚQUIO

- Primeiro um beijo, Cata; e logo entramos.

CATARINA

- Aqui, em plena rua?

PETRÚQUIO

- Como, tens vergonha de mim?

CATARINA

- Não, senhor, Deus me perdoe. Vergonha de beijar.

PETRÚQUIO

- Se é assim, voltamos para casa; vamos, cambada – embora!

CATARINA

- Não! Eu dou o beijo! (BEIJA-O) E agora, eu peço, amor, vamos ficar.

PETRÚQUIO

- Não está bem assim? Vem, querida Cata; é melhor tarde do que nunca, pois nunca é demasiado tarde. (SAEM)

CENA II

(APOSENTO NA CASA DE LUCÊNCIO. ENTRAM BATISTA, VINCÊNCIO, GRÊMIO, O PROFESSOR, LUCÊNCIO, BIANCA, PETRÚQUIO, CATARINA, HORTÊNSIO, E SUA VIÚVA, TRÂNIO, BIONDELLO E GRÊMIO. OS CRÍADOS E TRÂNIO TRAZEM O BANQUETE)

LUCÊNCIO

- Por fim, depois de tanto tempo, se afinam as nossas notas dissonantes. É o momento, agora, acabada a batalha furiosa, de sorrir a perigos e ameaças passadas. Minha bela Bianca, dá a meu pai as boas-vindas, que, com a mesma ternura, me dirijo ao teu. Irmão Petróquio, Catarina, irmã, e tu, Hortênsio, com a viúva amada, e meu prazer que se divirtam ao máximo: sejam bem-vindos a esta casa. Um bom banquete aquecerá o nosso estômago, arrematando a nossa alegre festa. Sentem-se, por favor. Sentados podemos conversar mais à vontade - sem deixar de comer. (SENTAM-SE)

PETRÚQUIO

- Não se faz outra coisa - é sentar e sentar e comer e comer.

BATISTA

- São os prazeres de viver em Pádua, meu Petróquio.

PETRÚQUIO

- Tudo de Pádua só nos traz prazeres.

HORTÊNSIO

- Por nós ambos, Petróquio, gostaria que fosse verdadeiro o que tu dizes.

PETRÚQUIO

- Ai, por minha vida, Hortênsio tem receio da viúva.

VIÚVA

- Então jamais confie em mim, se meto medo.

PETRÚQUIO

- Criatura tão sensível e não percebeu o meu sentido. Eu quis dizer que Hortênsio receia por você.

VIÚVA

- Quem está gira diz que o mundo gira.

PETRÚQUIO

- É uma resposta louca.

CATARINA

- Senhora, que pretende dizer com essa frase?

VIÚVA

- É a concepção que tenho dele.

PETRÚQUIO

- Concebe de mim? Oh, que direi Hortênsio?

HORTÊNSIO

- Minha viúva quis dizer que concebeu um conceito a seu respeito.

PETRÚQUIO

- Muito bem remendado. Boa viúva, ele merece um beijo.

CATARINA

- Quem é gira diz que o mundo gira. Lhe perguntei que pretende dizer com essa frase.

VIÚVA

- Que seu marido, torturado por viver com uma megera, pensa que meu marido sofre igual desdita. Já sabe agora a minha intenção.

CATARINA

- Intenção de ferir.

VIÚVA

- Referir... a você.

CATARINA

- Sou megera, em verdade; mas em comparação, quem sabe?

PETRÚQUIO

- A ela, Cata!

HORTÊNSIO

- Nela, viúva!

PETRÚQUIO

- Cem marcos, como minha mulher fica por cima.

HORTÊNSIO

- Eh, é minha essa função!

PETRÚQUIO

- Ao funcionário. (BEBE)

BATISTA

- Então, Grêmio, cie acha dessa gente de cabeça tão ágil?

GRÊMIO

- Acho, senhor, que estão trocando boas cabeçadas.

BIANCA

- Boas cabeçadas. Certas cabeças lutariam melhor se tivessem os chifres que merecem.

VINCÊNCIO

- Oh, a bela noiva; a discussão acordou-a

BIANCA

- Ligeiramente. Torno a dormir.

PETRÚQUIO

- Não torna não. Agora que entrou, prepare-se para flechadas mais certeiras.

BIANCA

- Sou seu 'passarinho? Pertencço ao seu viveiro? Pois vou mudar de bosque. E quem tiver bom arco me persiga. Sejam bem-vindos, todos. (SAEM BIANCA, CATARINA E A VIÚVA)

PETRÚQUIO

- Oh, perdi a mira! Aqui, senhor Trânio, ao pássaro que almejou e não feriu. À saúde de todos que atiram e falham.

TRÂNIO

- Oh, senhor, Lucêncio usou-me como um perdigueiro que corre muito, mas quando apanha a caça é para o dono.

PETRÚQUIO

- Boa comparação; e bem ligeira, mas um tanto canina.

TRÂNIO

- Quanto ao senhor, fez bem em perseguir a própria caça; dizem, porém que a corça que persegue mantém sua distancia.

BATISTA

- Eh, oh, Petróquio! Trânio acertou uma!

LUCÊNCIO

- Agradeço a estocada, amigo Trânio.

HORTÊNSIO

- Confessa, confessa que ele te acertou!

PETRÚQUIO

- Confesso, me arranhou um pouco. Mas como o golpe pegou-me de raspão aposto dez por um que atingiu em cheio vocês dois.

BATISTA

- Agora, bom Petróquio, falo a serio; acho que a mais megera é mesmo a que te coube.

PETRÚQUIO

- Não discuto; vamos verificar. Cada um de nós manda chamar a esposa. Aquele cuja esposa for mais obediente, vindo assim que chamada, ganhará o prêmio que nós combinarmos.

HORTÊNSIO

- De acordo! Qual é o prêmio?

LUCÊNCIO

- Vinte coroas.

PETRÚQUIO

- Vinte Coroas! Isso eu aposto em meu falcão ou em meu cão de caça. Em minha esposa aposto vinte vezes.

LUCÊNCIO

- Cem coroas, então.

HORTÊNSIO

- De acordo.

PETRÚQUIO

- O jogo está fechado.

HORTÊNSIO

- Quem começa?

LUCÊNCIO

- Eu começo. Vai, Biondello, e diz a minha esposa que venha até aqui.

BIONDELLO

- Já vou. (SAI)

BATISTA

- Meu filho, fico com metade da aposta. Bianca vem.

LUCÊNCIO

- Nada de sócio. Vou ganhar sozinho. (ENTRA BIONDELLO) Então, então? Que aconteceu?

BIONDELLO

- Patrão, sua senhora manda dizer que está ocupada e que não pode vir.

PETRÚQUIO

- Olá, está ocupada e não pode vir! Isso é resposta?

GRÊMIO

- Sim, e por sinal, gentil. Peça a Deus, senhor, que não lhe mande uma pior.

PETRÚQUIO

- Melhor, melhor!

HORTÊNSIO

- Biondello, seu tonto, corre e roga a minha esposa que venha ter comigo, por favor. (SAI

BIONDELLO)

PETRÚQUIO

- Ah, eh! Rogando, bem, pode ser que ela venha.

HORTÊNSIO

- Acho, senhor, que a sua, nem rogando vem. (ENTRA BIONDELLO) Então, onde está minha esposa?

BIONDELLO

- Disse para o senhor deixar de brincadeiras. Disse que não vem; se o senhor quiser pode ir lá.

PETRÚQUIO

- Cada vez pior: se o senhor quiser pode ir lá! Absurdo, vergonhoso, intolerável Grúmio, vai procurar tua patroa e lhe diga que ordeno vir aqui! (SAI GRÚMIO)

HORTÊNSIO

- Já sei a resposta.

PETRÚQUIO

- Qual é?

HORTÊNSIO

- Não vem.

PETRÚQUIO

- Tanto pior minha sorte. Aí, o fim.

BATISTA

- Por Nossa Senhora, lá vem Catarina! (ENTRA CATARINA)

CATARINA

- Que deseja, senhor, pra que me chama?

PETRÚQUIO

- Onde está tua irmã e a mulher de Hortênsio?

CATARINA

- Conversam, senhor, junto à lareira do salão.

PETRÚQUIO

- Vá buscá-las; se recusarem vir, pode bater-lhes com vontade, desde que venham ter com os maridos. Vai, anda; que venham sem demora! (SAI CATARINA)

LUCÊNCIO

- Se existem milagres acabo de ver um.

HORTÊNSIO

- Milagre é; não sei o que anuncia.

PETRÚQUIO

- Ora, anuncia a paz, o amor, a vida calma, respeito a quem se deve, justa supremacia.. Para ser breve, tudo que traz prazer, felicidade.

BATISTA

- Que tudo de bom te aconteça, meu Petróquio! A aposta é tua e junto mais vinte mil libras ao que os dois perderam; e um outro dote para outra filha. Está tão mudada que não é mais a mesma.

PETRÚQUIO

- Não, quero ganhar melhor a minha aposta mostrando outros sinais de sua obediência. Obediência, esta virtude que aprendeu agora. Vejam, lá vem ela, trazendo pela mão as duas mulheres geniosas, prisioneiras de sua atual convicção. (ENTRA CATARINA, COM BIANCA E A VIÚVA) Catarina, não te assenta esse chapéu que trazes. Bota fora e pisa essa besteira. (ELA OBEDECE)

VIÚVA

- Meu Deus, não me dê jamais o infortúnio de padecer semelhante humilhação!

BIANCA

- Que vergonha! Isso é um obediência estúpida.

LUCÊNCIO

- Gostaria que tua obediência fosse igualmente estúpida, formosa Bianca. Pois tua obediência sábia já me custou cem coroas.

BIANCA

- Pois mais estúpido é você que aposta em minha obediência.

PETRÚQUIO

- Catarina, te encarrego de dizer a essas senhoras cabeçudas as obrigações que têm para com seus maridos e senhores.

VIÚVA

- Vamos, vamos, está zombando. Não queremos sermão.

PETRÚQUIO

- Estou mandando, vamos; e começa com ela.

VIÚVA

- Não o fará.

PETRÚQUIO

- Fará. E começa com ela.

CATARINA

- Tem vergonha! Desfaz essa expressão ameaçadora e não lança olhares desdenhosos para ferir teu

senhor, teu rei, teu soberano. Isso corrói tua beleza, como a geada queima o verde prado, destrói tua reputação como o redemoinho os botões em flor; e não é nem sensato nem gracioso. A mulher irritada é uma fonte turva, enlameada, desagradável de aspecto, ausente de beleza. E enquanto está assim não há ninguém, por mais seco e sedento, que toque os lábios nela, que lhe beba uma gota. O marido é teu senhor, tua vida, teu protetor, teu chefe, e soberano. Quem cuida de ti, e, para manter-te, submete seu corpo a trabalho penoso, seja em terra ou no mar. Sofrendo a tempestade a noite, de dia o frio, enquanto dormes no teu leito morno, salva e segura, segura e salva. E não exige de ti outro tributo senão o teu amor, beleza, sincera obediência. Pagando reduzido demais para tão grande esforço. O mesmo de ver que prende o servo ao soberano, prende ao marido a mulher. E enquanto ela é teimosa, impertinente, azeda, desabrida, não obedecendo as suas ordens justas, que é então senão rebelde, infame, um traidor que não merece as graças de seu amo e amante? Tenho vergonha de ver mulheres tão ingênuas que pensam em fazer guerra onde deviam ajoelhar e pedir paz. Ou procurando poder, supremacia e força, quando deviam amar, servir, obedecer. Por que razão o nosso corpo é liso, macio, delicado, não preparado para a fadiga e a confusão do mundo, senão para que o nosso coração e o nosso espírito tenham delicadeza igual ao exterior? Vamos, vamos, vermes teimosos e impotentes. Também já tive um gênio tão difícil, um coração pior. E mais razão, talvez, pra revidar palavra por palavra, ofensa por ofensa. Vejo agora, porém, que nossas lanças são de palha. Nossa força, fraqueza, sem remédio... E quanto mais queremos ser, menos nós somos. Assim, compreendido o inútil desse orgulho devemos colocar as mãos, humildemente, sob os pés do senhor. Para esse dever, quando meu esposo quiser, minha mão está pronta.

PETRÚQUIO

- Sim, minha mulher! Vem, dá-me um beijo, Cata.

LUCÊNCIO

- Vai, segue caminho, amigo chegaste onde querias.

VINCÊNCIO

- É agradável ouvir a juventude em tão belo momento.

LUCÊNCIO

- Mas mulheres teimosas, meu Deus, que abatimento!

HORTÊNSIO

- Vai, segue teu caminho. Domaste uma megera brava.

LUCÊNCIO

- Permita-me dizer; é um assombro que esteja assim domada.

PETRÚQUIO

- Estamos os três casados, mas vocês dois vencidos! Como vencedor, porém, eu peço a Deus que lhes favoreça uma boa noite! E agora, Catarina, para a cama (SAEM)

-fim-